

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Maria do Rosário Luiz Gomes de Castro Pernas

Lisboa, julho de 2013

Parecer do Orientador

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Relatório apresentado para a obtenção de Grau de Mestre em
1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação do
Professor Doutor Luís Miguel de Castro Larcher

Maria do Rosário Luiz Gomes de Castro Pernas

Lisboa, julho de 2013

Agradecimentos

Agradeço a Deus o dom da vida e do entendimento, que me permitiram chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais que pela sua abertura ao dom da vida – tiveram doze filhos, dos quais eu sou a sétima – suscitaram em mim o desejo de me dedicar à educação.

Agradeço ao meu Orientador, Professor Doutor Luís Larcher, pela forma empenhada e dedicada com que me tem ajudado. O seu apoio tem sido precioso na organização do presente trabalho.

Agradeço a todos os meus professores, pela sua entrega e entusiasmo pela matéria transmitida: possam estes dar fruto na minha futura vida de professora.

Agradeço a todos os colegas que comigo conviveram e trabalharam ao longo do curso; que o trabalho em equipa nele iniciado possa ser sustentáculo de toda a nossa vida profissional.

Índice Geral

Índice de Quadros	IX
Índice de Figuras	X
Introdução	1
1. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio	2
2. Importância da Elaboração do Relatório de Estágio profissional	2
3. Identificação do Grupo de Estágio.....	3
4. Metodologia Utilizada	4
5. Pertinência do Estágio.....	5
6. Cronograma de Estágio.....	5
Capítulo 1 - Relatos Diários	9
1. 1ª Secção: 1º Ano	10
1.1. Caracterização da turma do 1º Ano	10
1.1.1. Espaços, rotinas e horários.....	10
1.1.2. Relatos diários	13
1.2. 2ª Secção: 2º Ano	30
1.2.1. Caracterização da turma do 2º Ano	30
1.2.2. Espaços, rotinas e horários.....	30
1.1.3. Relatos diários	32
1.3. 3ª Secção: Semana de estágio intensiva.....	48
1.4. 4ª Secção: 3º Ano	49
1.4.1. Caracterização da turma do 3º Ano	49
1.4.2. Espaços, rotinas e horários.....	49
1.4.3. Relatos diários	50
1.5. 5ª Secção: 4º Ano	62
1.5.1. Caracterização da turma do 4º Ano	62
1.5.2. Espaços, rotinas e horários.....	62
1.5.3. Relatos diários	63
Capítulo 2 - Planificações	77
Descrição do capítulo	78
2.1. Fundamentação Teórica.....	78
2.2. Planificações - Inferências e Fundamentações.....	81
2.2.1. Planificação da área curricular disciplinar de Língua portuguesa	81
2.2.2. Planificação da área curricular disciplinar de Matemática	83

2.2.3. Planificação da área curricular disciplinar de Estudo do Meio	85
Capítulo 3 - Dispositivos de avaliação	87
Descrição do Capítulo.....	87
3.1. Fundamentação Teórica.....	88
3.2. Avaliação da atividade de Português.....	90
3.2.1. Contextualização	91
3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	92
3.2.3. Grelha de critérios e cotações.....	93
3.2.4. Descrição da grelha de avaliação	94
3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	95
3.2.6. Análise do gráfico	95
3.3. Avaliação da atividade de Matemática	96
3.3.1. Contextualização	96
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	96
3.3.3. Grelha de critérios e cotações.....	98
3.3.4. Descrição da grelha de avaliação	99
3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	100
3.3.6. Análise do gráfico	100
3.4. Avaliação da atividade de Estudo do Meio	101
3.4.1. Contextualização	101
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	101
3.4.3. Grelha de critérios e cotações.....	102
3.4.4. Descrição da grelha de avaliação	103
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	104
3.4.6. Análise do gráfico	104
Reflexão final	105
1. Considerações Finais	106
2. Limitações	107
3. Novas pesquisas	107
Referências Bibliográficas	108
Anexos.....	117
Anexo 1 - Proposta de trabalho de Português	119
Anexo 2 - Proposta de trabalho de Matemática	123
Anexo 3 - Proposta de trabalho de Estudo do Meio	127

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma do Estágio Profissional	7
Quadro 2 – Horário do 1.º Ano B	13
Quadro 3 – Horário do 2.º Ano B	32
Quadro 4 – Horário do 3.º Ano B	50
Quadro 5 – Horário do 4.º Ano B	63
Quadro 6 – Adaptação do Modelo T de Unidade de Aprendizagem	79
Quadro 7 – Planificação da área curricular disciplinar de Português	81
Quadro 8 – Planificação da área curricular disciplinar de Matemática	83
Quadro 9 – Planificação da área curricular disciplinar de Estudo do Meio	85
Quadro 10 – Escala de <i>Likert</i>	91
Quadro 11 – Cotações atribuídas ao dispositivo de avaliação 1	93
Quadro 12 – Grelha de avaliação de Português	94
Quadro 12 – Cotações atribuídas ao dispositivos de avaliação 2	98
Quadro 13 – Grelha de avaliação de Matemática	99
Quadro 14 – Cotações atribuídas ao dispositivo de avaliação 3	102
Quadro 15 – Grelha de avaliação de Estudo do Meio	103

Índice de Figuras

Figura 1 – Sala do 1.º Ano B	11
Figura 2 – Sala do 1.º Ano B	11
Figura 3 – Aluno a jogar ao dominó	23
Figura 4 – Dominó	23
Figura 5 – Tabuleiro com bolos feitos pelos alunos	27
Figura 6 – Sala do 2.º Ano B	31
Figura 7 – Sala do 2.º Ano B	31
Figura 8 – Representação de $\frac{1}{4}$	45
Figura 9 – Representação de $\frac{1}{8}$	45
Figura 10 – Sala do 3.º Ano B	49
Figura 11 – Sala do 3.º Ano B	49
Figura 12 – Sala do 4.º Ano B	62
Figura 13 – Sala do 4.º Ano B	62
Figura 14 – Gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 1	95
Figura 15 – Gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 2	100
Figura 16 – Gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 3	104

Introdução

Introdução

1. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio

O relatório de estágio profissional inicia-se com a introdução, onde é dividida em seis partes, sendo elas: a descrição da estrutura do relatório de estágio profissional, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e no final da introdução é apresentado um cronograma do estágio profissional.

Seguidamente, o relatório divide-se em três capítulos: Capítulo 1 – *Relatos Diários*; Capítulo 2 – *Planificações*; e Capítulo 3 – *Dispositivos de Avaliação*.

O Capítulo 1 está dividido em cinco secções, representando cada uma, um ano de escolaridade diferente, estando presentes os relatos diários bem como as inferências e a fundamentação teórica relativa a cada período de estágio.

Surge, posteriormente, o Capítulo 2 que corresponde à apresentação de três planos de algumas aulas lecionadas por mim, correspondentes a cada área curricular: Português, Matemática e Estudo do Meio, assim como também são apresentadas as inferências tendo por base fundamentação científica.

No decorrer do período de estágio profissional foram realizados alguns dispositivos de avaliação que irão ser apresentados no Capítulo 3.

O relatório termina com a apresentação de uma *Reflexão Final*, onde serão apresentados os objetivos alcançados com a elaboração deste trabalho.

2. Importância da Elaboração do Relatório de Estágio Profissional

O presente relatório de estágio profissional desempenha um papel importante a nível profissional pois é através da sua realização que poderei concluir o Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e obter uma certificação profissional, necessária para exercer esta profissão.

A realização deste relatório implicou pesquisa, investigação, estudo e reflexão sobre conceitos e conteúdos que são e serão de extrema importância para uma futura professora.

Segundo Loughran (2002), citado por Flores & Simão (2009, p.34), “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores.”

Nóvoa (1992, p.28), defende que “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas.” Assim a elaboração deste relatório ao longo do desenvolvimento do estágio, permitiu uma articulação entre a prática e a reflexão sobre a prática, tendo como suporte um enquadramento teórico.

O registo diário de práticas vividas ou presenciadas em sala de aula implica uma posterior reflexão, sendo esta fundamental no desempenho de qualquer profissão e, principalmente, na profissão docente. É necessário que um professor reflita sobre a prática e que a melhore após a reflexão, não se limitando apenas ao que observa. Zeickner (1993) refere que “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e que o tipo de saberes inteiramente tirado da experiência dos outros (...) é, no melhor dos casos, pobre, e no pior, uma ilusão.” (p. 17)

Tornaram-se evidentes as vantagens a nível profissional da realização deste relatório. Este permite aprofundar conhecimentos e clarificar ideias acerca do que são as boas práticas na educação.

3. Identificação do Grupo de Estágio

O grupo de estágio que integrei ao longo do período de prática pedagógica sofreu algumas alterações.

Inicialmente, o meu grupo foi composto por mim e por mais duas colegas, a Maria e a Mariana, sendo que a Maria estava a repetir o estágio e a Mariana desistiu do Mestrado depois de frequentarmos o 1.º ano de escolaridade. Até ao final do primeiro semestre tivemos com a Rita e a Matilde que frequentavam o Mestrado de Educação Pré-Escolar e 1.º ciclo.

O grupo funcionou bastante bem, havendo sempre um espírito de companheirismo e entreajuda. O nosso trabalho de equipa funcionou muito bem, ajudando-nos mutuamente a refletir sobre as aulas lecionadas tentando melhorar sempre.

Senti que fui muito apoiada, visto ser aula nova nesta instituição, tanto pelas minhas colegas como também pelas professoras cooperantes.

4. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada na elaboração do presente relatório de estágio assentou numa técnica de recolha de dados orientada para uma investigação qualitativa. Em conformidade com Carmo & Ferreira (1998):

A investigação qualitativa é “descrita”. A descrição deve ser rigorosa e resultar directamente de dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observações, documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações de vídeo. Os investigadores analisam as notas tomadas em trabalho de campo e os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos.

Assim, os instrumentos utilizados na recolha de dados foram: a observação e análise documental. Afonso (2005, p.91) defende que “a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos”.

A observação pode ser direta ou indireta, como menciona Quivy & obtida Campenhoudt (1992, p.165). A observação direta, como defendem os dois autores, “é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação” (p.165). Relativamente à observação indireta, afirmam que “o investigador se dirige ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida directamente, sendo, portanto, menos objectiva” (p.164).

Como afirma Ludke & André (1986, p.6), “a experiência directa é, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenómeno”. Portanto, a observação constitui um papel fulcral para o futuro de um professor, pois é através desta que ele será capaz de intervir e avaliar as situações em sala de aula.

Segundo Johnson (1984, como citado em Bell 1997, p.101), “a análise documental de ficheiros e registos educacionais pode revelar-se uma fonte de dados extremamente importante”. Portanto, a análise de dados deste relatório reporta para os diversos documentos fornecidos pelos professores titulares, dos respetivos anos de escolaridade, como por exemplo, a caracterização da turma contemplada no Projeto Curricular de Turma, o horário da mesma, o Projeto Curricular de Escola, as Orientações Curriculares para a Educação no 1.º Ciclo do Ensino Básico, entre outros.

5. Pertinência do estágio

O estágio profissional é de primordial importância para a minha futura vida como professora do primeiro ciclo.

Nele tenho contactado com diversas professoras que seguem métodos de ensino distintos, adequados, além disso, às necessidades dos seus alunos. Neste sentido, Brito (2011) afirma que:

O Estágio Supervisionado, em muitas situações, é o primeiro contato que o futuro professor tem com a realidade da escola e com os processos de ensinar/aprender, ao assumir a gestão da sala de aula. Assim, as diferentes experiências vivenciadas no estágio serão férteis ao possibilitarem ao futuro professor o desenvolvimento da reflexão crítica sobre o ensino e sobre o ser professor. (p.3)

Ajudam-me os comentários das mesmas às aulas que tenho lecionado, permitindo-me reconhecer as minhas falhas e pensar em formas possíveis de ultrapassá-las. Perrenoud (1993, p.118) afirma que se deve “privilegiar uma formação de tipo clínico, isto é, baseada na articulação entre prática e reflexão sobre a prática”.

Abrem-se, assim, diante de mim, novas formas de abordar matérias, de modo a torná-las mais acessíveis às crianças.

Esta experiência tão rica permitir-me-á, certamente, criar um modelo próprio de ensino, integrando toda esta vivência na minha realidade pessoal.

Só assim será possível comunicar às crianças os conhecimentos adquiridos, não como coisas unicamente aprendidas nos livros, mas como parte da vida que lhes vale a pena fazer sua.

Assim, segundo Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F., Martinho, A. (2001), para o desenvolvimento na qualidade da formação de professores, a prática pedagógica assume um papel decisivo:

(...) o ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais, isto é, professores da Escola onde se realiza o estágio, todos eles supervisionados por docentes das Universidades (chamados quer orientadores, quer coordenadores ou supervisores, já que estas designações têm a ver com o uso e não com a legislação). (p. 55)

6. Cronograma de Estágio

O Estágio Profissional I e II decorreu no período de tempo de 25 de setembro de 2012 a 21 de junho de 2013. Os dois momentos de estágio aconteceram durante

três dias/semana (segunda-feira, terça-feira e sexta-feira) das 9h às 13h, com uma duração de 12 horas por semana.

No quadro 1 são expostas as atividades estabelecidas durante o decorrer do Estágio Profissional desde o início até ao fim.

Quadro 1 – Cronograma do Estágio Profissional

Meses	setembro				Outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho																											
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4																								
Atividades																																																																
Aulas Observadas				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x			x	x	x				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x										
Aulas Programadas / Assistidas							x											x			x															x									x											x								
Aulas Surpresa																																																																
Reuniões de Prática Pedagógica							x														x	x																																										
Pesquisa Bibliográfica																	x	x	x	x	x	x	x	x									x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x								
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x									

Capítulo 1 - Relatos Diários

1. 1ª Secção: 1º Ano

1.1. Caracterização da turma do 1º Ano

A turma B do 1.º ano de escolaridade é constituída por 25 alunos; 10 crianças do sexo feminino e 15 crianças do sexo masculino.

Existe um aluno do sexo masculino que tem diabetes, requerendo por isso especial atenção por parte da professora titular.

Através de informação cedida pela professora titular da turma e baseando-se a análise nas competências essenciais de Português, as principais dificuldades centram-se na leitura e na escrita de pequenas frases e textos, bem como a sua interpretação, uma vez que apenas 9 alunos o conseguem fazer de forma correta e sem ajuda. Quanto à área curricular de Matemática a turma revela dificuldades na realização de operações (adição e subtração), bem como na resolução de situações problemáticas.

A turma revela curtos períodos de concentração e 6 crianças desestabilizam a turma com comportamentos inadequados em sala de aula. Sete crianças merecem uma atenção especial, pois não realizam os trabalhos de forma autónoma, estando 5 destas a receber apoio pedagógico acrescido. Apesar de tudo, em termos culturais é uma turma interessada no meio que a rodeia, beneficiando do apoio dos familiares.

1.1.1. Espaços, rotinas e horários

• Caracterização do Espaço

A sala do 1.º ano B está situada no rés-do-chão, virada para o salão, visto que se trata do primeiro ano de escolaridade, sendo o único ano do 1.º Ciclo que se encontra afastado dos outros anos.

O espaço da sala do 1.º ano B tem um formato retangular, e nele se encontram distribuídas por três filas as mesas e as cadeiras onde os alunos elaboram a maioria das atividades. Entre as filas existe um espaço, apesar de pequeno, que permite a circulação dos alunos e da professora circulem.

Os alunos usufruem cada um de uma mesa que serve de apoio aos trabalhos propostos pela professora em sala de aula e sentam-se em cadeiras de frente para o quadro de ardósia. A secretária da professora está situada por detrás das mesas das crianças, de costas para o quadro.

As paredes contêm *placards* com trabalhos dos alunos e informação relevante para as suas aprendizagens.

A sala goza de uma grande iluminação natural, visto que uma das paredes laterais é composta por várias janelas.



Figura 1 – Sala do 1.º Ano B



Figura 2 – Sala do 1.º Ano B

• Rotinas

As rotinas são essenciais e indispensáveis no cotidiano de cada ser humano, em especial na vida das crianças. São uma forma de transmitir às crianças uma ideia do que irá acontecer num determinado dia ou momento da sua vida diária. Zabalza (1998b) afirma que “as rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem”. (p.52)

As rotinas atuam como “organizadoras das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e permitem o domínio do processo a ser seguido” substituindo a “incerteza do futuro” por uma representação “fácil de assumir”. Desta forma, “o quotidiano passa a ser algo previsível” trazendo este aspeto benefícios no que respeita à “segurança e autonomia” das crianças. (Zabalza, 1998b, p. 52)

Os alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico iniciam a sua atividade matinal às 9h e terminam-na às 13h, sendo esse o meu período de permanência nesta sala. A rotina desta turma segue a seguinte ordem:

• Acolhimento

Os alunos reúnem-se no ginásio sempre que chegam à escola antes do horário previsto para o início das atividades. Depois de permanecerem algum tempo nesse espaço, são encaminhados pela professora titular até à sala respetiva.

• Recreio

Segundo Hohmann e Weikart (1997), o recreio é um período do dia

[...] destinado à brincadeira física, vigorosa, barulhenta. [...] Sem a limitação das quatro paredes, muitas crianças sentem-se à vontade para se movimentar, falar e explorar. Os adultos acompanham as crianças nas suas brincadeiras activas, conversam com elas e apoiam-nas, [...] conforme necessário. O tempo no exterior permite às crianças brincar juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis. (p.231)

O recreio consiste num momento em que os alunos brincam livremente no exterior, dentro do recinto do Jardim-Escola, sempre supervisionados por professores. É também neste momento que tomam o lanche da manhã, ou seja, às 11h.

- **Almoço**

O almoço finda a manhã de atividades. É um momento em que os alunos tomam uma refeição diária variada, alternando o peixe e a carne consoante a refeição anterior. Decorre na sala de aula onde as mesas são previamente preparadas para o efeito. É seguido de um recreio de maior duração, novamente no recinto exterior do Jardim-Escola.

- **Horários**

Segue-se a apresentação do horário da turma B do 1.º ano que comprova a rotina semanal a que os alunos estão sujeitos.

Na maioria das vezes é cumprido este plano, no entanto é possível a sua alteração de modo a corresponder às necessidades dos alunos desta turma.

Quadro 2 – Horário do 1.º ano B

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h 11h	Português Estudo Acompanhado	Matemática Estudo Acompanhado	Português	Matemática	Português
11h 11h20min	Recreio				
11h20min 12h10min 12h40min	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h40min 13h		Assembleia de turma	Expressão e Educação Musical		
13h 14h30min	Higiene/Almoço/Recreio				
14h30min	Estudo do Meio	Inglês	Matemática	Expressão e Educação Físico- Motora	Português
15h30min	Expressão e Educação Físico- Motora				
15h30min 16h30min	Inglês	Estudo do Meio Ensino Experimental das Ciências	Estudo do Meio Ensino Experimental das Ciências	Educação e Expressão Plástica	Estudo do Meio Ensino Experimental das Ciências
16h30min 17h	Estudo do Meio/ Educação cidadania	Estudo do Meio/ Educação cidadania	Estudo do Meio/ Área Projeto		Expressão e Educação Musical

1.1.2. Relatos diários

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Hoje foi o primeiro dia em que contactámos com a turma do 1.º ano e fizemos a nossa apresentação à professora e aos alunos.

Os alunos realizaram uma ficha relativa ao corpo humano – tinham que pintar um corpo, recortando-o e colando-o numa folha, de maneira a corresponder ao corpo de um menino e de uma menina. Enquanto faziam a ficha, a professora cooperante chamava os alunos à Cartilha Maternal João de Deus; iam em grupo ou individualmente, consoante as suas capacidades cognitivas.

A professora pediu a uma das estagiárias para fazer um estudo com os alunos, individualmente, para perceber se os alunos reconheciam todos os números ordinais, as restantes ajudaram os alunos, com mais dificuldade, na realização da ficha.

Posteriormente, utilizaram o material manipulativo de Matemática, nomeadamente os Calculadores Multibásicos. É de referir que os alunos trabalharam em pares, ou seja, havia uma caixa em cada duas mesas. A professora pediu-lhes para representarem vários números nas placas, com o intuito de trabalhar a leitura de números (por ordens, cores e a sua decomposição) e a adição de números criando situações problemáticas à volta destes.

Na segunda parte da aula, a professora fez a revisão da 6.^a lição da *Cartilha Maternal*, que corresponde à letra “d” e realizou uma proposta de trabalho (rodear palavras com a letra “d”, fazer o abecedário uma cópia e, com a ajuda da régua, converter as letras à máquina em letras manuscritas). As estagiárias ajudavam sempre que algum aluno apresentasse alguma dúvida.

Inferência e Fundamentação Teórica

Começo, desde já, a destacar a importância que este dia teve para mim enquanto estagiária e futura docente. Foi o primeiro dia que estagiei nesta instituição, visto que o meu percurso académico se desenvolveu noutra estabelecimento de ensino. Assim, é de extrema importância referir o acolhimento que a diretora da escola me prestou, mostrando-me todas as salas e apresentando-me a todos os professores de 1.º ciclo, inclusivamente à professora cooperante do 1.º ano. Disponibilizou-se para me ajudar sempre que me sentir desamparada e pediu à professora cooperante para estar atenta e apoiar-me sempre que considerasse pertinente.

A observação direta em sala de aula é importante para a formação de uma estagiária como futura professora, pois, como refere Quivy & Campenhoudt (1992), “Os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem” (p.197).

Sexta-feira, 28 de setembro de 2012

A aula começou com uma animação da história “O Cuquedo” – Clara Cunha, editora Livros Horizonte; para surpresa da professora, a maioria dos alunos sabia a história de cor e iam-na contando em coro.

De seguida a professora explicou que iam fazer uma ficha de português em que iam rever a lição 8.^a da *Cartilha Maternal*, que corresponde à letra “p”. Esta ficha continha vários exercícios, tais como: Exercício Ortográfico, alfabeto, ilustração do ditado, correspondência entre imagens e palavras e por último tinham que transformar não frases em frases.

Antes de iniciarem a ficha, alguns alunos a pedido da professora leem algumas palavras com a letra “p” e formam frases com essas mesmas palavras. Posteriormente iniciam o ditado: a professora escreve uma frase no quadro, uma criança lê, de seguida todos repetem essa mesma frase, a professora apaga-a e dita aos alunos a frase trabalhada e assim sucessivamente.

A professora disse-nos, a nós estagiárias, que esta é a melhor maneira para iniciar o ditado no primeiro ano, pois obtêm-se melhores resultados e para além de trabalharem a escrita também trabalham a memória visual.

Depois do intervalo, utilizam os Calculadores Multibásicos, cada aluno tem uma placa, a professora dita números e estes têm que representá-los na placa com as respetivas peças, até à ordem das centenas (encarnadas, verdes e/ou amarelas). A professora pede a um aluno, de forma aleatória, para fazer a decomposição dos números pedidos, para lê-los por cores, por ordens e por classes (aprenderam as classes nesta aula).

Inferência e Fundamentação Teórica

O Calculador Multibásico, segundo Caldeira (2009, p.187) “é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, dois cor-de-rosa e duas de cor lilás.”.

Como afirma Turrioni (2004, como citado em Caldeira (2009),

O Material Didático exerce um papel importante na aprendizagem. Facilita a observação e a análise, desenvolve o raciocínio lógico, crítico e científico, é fundamental e é excelente para auxiliar ao aluno na construção de seus conhecimentos. (p.18)

Ao utilizar materiais manipuláveis na aula de Matemática, a professora torna a aquisição de certos conceitos matemáticos abstratos mais simples de serem compreendidos pelos alunos. Os materiais manipuláveis tornam a aprendizagem mais lúdica e estimulante, para além de fazerem a ponte entre o concreto (material) e o abstrato (conceitos a serem aprendidos).

Segunda-feira, 8 de outubro de 2012

A professora começa o dia perguntando aos alunos o que fizeram durante o fim-de-semana.

Em seguida, fazem uma proposta de trabalho de português em que revem todas as letras que deram até ao momento presente (v,f,j,d,b,p,l,t). Enquanto vão fazendo a ficha, a professora chama alguns alunos à cartilha.

À medida que vão acabando a ficha, os alunos vão fazer trabalhos que têm em atraso no caderno de duas linhas; se os não têm, a professora dá-lhes trabalhos para fazer: escrever o alfabeto, ler e copiar um texto para o caderno, formar frases com palavras.

Depois do intervalo, trabalham com o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*, fizeram a mobília do quarto e em seguida a ponte; a professora criou várias situações problemáticas à volta destas construções.

No fim da manhã tiveram aula de música com o professor desta área curricular não disciplinar.

Inferência e Fundamentação Teórica

O 3.º e 4.º Dons de *Froebel*, é um material composto por duas caixas com 8 cubos e 8 paralelepípedos respetivamente. Este conjunto permite ao aluno fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos, desenvolvendo, principalmente, o cálculo mental, o equilíbrio, a criatividade, a motricidade fina, a concentração, a atenção (Caldeira, 2009).

É de referir a boa relação que os alunos têm com o professor de música e o entusiasmo transmitido por este no momento da sua aula.

A educação musical ajuda a desenvolver inúmeras capacidades, realçando Borràs (2001c) algumas delas:

a aprendizagem da música ajuda e favorece o desenvolvimento de diversas capacidades: capacidade de escutar; favorecer o desenvolvimento da memória e a sensibilidade; potenciar a capacidade de análise, comparação e de relação; favorecer a capacidade criativa e imaginativa (...) desenvolver a capacidade de expressão e comunicação. (p. 530)

A expressão musical aparece no currículo como uma área curricular não disciplinar, mas deve ser frequentada por todas as crianças, contribuindo assim para um crescimento mais harmonioso e pleno.

Terça-feira, 9 de outubro de 2012

Para criar disciplina e ordem dentro da sala de aula, a professora utiliza um método de pontuação por filas, e à medida que os alunos vão respeitando o que a professora diz, a professora dá pontos. É importante criar métodos que motivem os alunos a cumprir as regras, para que haja um bom funcionamento da aula.

A professora trabalhou mais uma vez trabalhou com os Calculadores, fez vários exercícios com os alunos pedindo-lhes para representarem diversos números nas placas, para depois os lerem por ordens e por classes e fazerem a sua

decomposição. Em seguida os alunos realizaram uma ficha de Matemática (escrever o número 215 por extenso por ordens e por classes; ditado de números – a professora dita e eles reproduzem; simetria)

Depois do intervalo a professora faz um ditado mágico, um dos alunos explica como se faz – a professora escreve uma palavra no quadro, as crianças leem e tem um tempo para observar e memorizar a palavra; em seguida a professora apaga o quadro e as crianças escrevem essa mesma palavra na ficha. Alfabeto e construção de uma frase com uma palavra escolhida pela professora.

Inferência e Fundamentação Teórica

A meu ver, é importante criar estratégias de comportamento para manter a disciplina na sala de aula.

Sobre as regras na sala de aula, Amado e Freire (2002) explicam que “quando o professor estabelece regras básicas como o respeito e a solidariedade, quando reforça positivamente os comportamentos desejáveis e sanciona os menos adequados, colabora definitivamente para a prevenção de situações de indisciplina.”

O ditado requer uma enorme atenção por parte dos alunos, pois têm que ouvir e escrever o que a professora dita; neste caso - no ditado mágico – para além de terem de ouvir e escrever também têm que observar e memorizar a palavra escrita no quadro.

Condemarin & Chadwick (1987) afirmam que “o exercício de registrar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem” (p.186).

O ditado mágico é um bom exercício no que respeita ao desenvolvimento da memória. Feldman (1999) define memória como sendo “o processo através do qual codificamos, armazenamos e recuperamos informação.” (p.221).

Ao observar esta atividade, pude perceber que exercícios como este devem ser introduzidos no início do 1.º ciclo, por desenvolverem nos alunos competências que lhes servirão no futuro.

Sexta-feira, 12 de outubro de 2012

A professora inicia a aula com uma animação da história de “O Nabo Gigante”; estas histórias implicam que as crianças se envolvam e que participem, pois são muito repetitivas.

Em seguida a professora escreve algumas palavras com a letra “q”, relacionadas com a ficha que realizaram posteriormente, e refere que esta letra tem

dois valores, quando está ao pé do “e” e do “i” não se lê o “u”, mas com a letra “a” já se lê.

Após o intervalo, trabalham com um material estruturado, nomeadamente o *Cuisenaire*: a professora pediu a cada um dos alunos que pusesse as peças por ordem crescente e depois por ordem decrescente, foi feita a leitura das peças por ordens e por cores. Posteriormente, a pedido da professora, os alunos realizaram o jogo dos comboios - construindo o maior número possível de carruagens, sendo que a primeira peça representa 10 unidades - peça laranja.

A professora teve de interromper a aula pois estava a decorrer no ginásio a Feira do livro. Uma das estagiárias leu um livro aos alunos, enquanto a docente ajudava uma das estagiárias a fazer as planificações das suas aulas.

Inferência e Fundamentação Teórica

O material estruturado, *Cuisenaire*, é formado por 241 barras com 10 cores e 10 comprimentos diferentes. Este material permite ao aluno explorar vários conteúdos de Matemática, nomeadamente, segundo Caldeira (2009),

as crianças precisam de ter o sentido do número, para o poder utilizar de forma diferente no mundo que as rodeia. O sentido do número envolve: compreensão dos significados (inclui o carácter ordinal e cardinal dos números), explorar relações entre os números (composição e decomposição de conjuntos), a compreensão da grandeza relativa dos números, desenvolver intuições acerca dos efeitos das operações com números e desenvolver padrões de objectos comuns. (p.129)

O uso de materiais manipulativos é uma mais-valia na vida escolar das crianças. É importante que todos os alunos tenham em sua posse o mesmo material, para que todos vivenciem a experiência de igual modo.

Segunda-feira, 15 de outubro de 2012

A professora conversa com os alunos sobre o que fizeram no fim-de-semana.

Em seguida, dá início à aula, explicando o que é uma árvore genealógica e para que serve, e faz a árvore genealógica da Alice no quadro. A professora vai enviar uma carta aos pais para construírem com as crianças a sua árvore genealógica.

Reviram a lição 15.^a da *Cartilha Maternal*, e exploraram o primeiro valor da letra “c”; a professora disse aos alunos que só se lê “ce” quando este está ao pé do “e”, do “i” ou quando se usa o “ç”. As crianças leram algumas palavras na cartilha, formando frases com estas. Fizeram uma ficha onde tinham que realizar uma cópia, passando frases afirmativas para a negativa e vice-versa. A professora faz sempre tudo no quadro, como explicação, e as crianças depois fazem a ficha.

Inferência e Fundamentação Teórica

A conversa entre professor e aluno é imprescindível, pois mostra que existe uma predisposição do primeiro para escutar o segundo. De acordo com Vieira (2000),

O acto de escutar é uma das chaves de sucesso do bom relacionamento humano. Ao contrário do que se possa pensar, escutar implica um papel bastante activo na comunicação. Quem escuta entrega-se ao outro com o objectivo de descodificar aquilo que está a ser transmitido.(p.15)

A participação dos pais na vida escolar dos filhos é fundamental, pois demonstra que aqueles se interessam pelas atividades realizadas pela professora e proporciona à criança o gosto pela escola.

Segundo Marques (2001), as razões que justificam o envolvimento dos pais no apoio ao processo educativo, realizado em casa, são:

Em primeiro lugar, nota-se uma melhoria nos resultados escolares sempre que os pais apoiam o processo educativo, em casa. Em segundo lugar, os pais passam a compreender e a valorizar melhor os professores. Em terceiro lugar, os pais e os professores aprendem a apoiar-se mutuamente na tarefa comum que é a educação dos alunos. Em quarto lugar, os pais aprendem a comunicar melhor com os filhos e a valorizar, ainda mais, o seu esforço e o seu trabalho. (p.104)

Assim, o professor titular deve criar estratégias de trabalho que envolvam os pais na vida escolar dos seus filhos.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012

A manhã de aulas de hoje foi lecionada por uma das estagiárias; esta perguntou a cada um dos alunos o nome de cada um dos pais, a partir daí começou por identificar o género masculino e feminino. Colocou no quadro uma imagem de uma menina e outra de um menino, cada criança tinha nas suas mesas um envelope com uma palavra escrita, e esta tinha que ser colocada no sítio correto: se fosse feminina colocavam por baixo da menina, e se fosse masculina colocavam por baixo do menino.

Na área curricular de Estudo do Meio foi dada a roda dos alimentos: a estagiária leu partes de uma história ao mesmo tempo que ia apresentando em *powerpoint* os alimentos que pertencem a cada grupo. Em seguida, construiu uma roda dos alimentos com as crianças.

Depois do intervalo, a estagiária utilizou o 3º e 4º Dons de *Froebel* e criou situações problemáticas com as construções da camioneta e do helicóptero.

Inferência e Fundamentação Teórica

A manhã de aulas foi muito agitada, apesar de ter uma ótima relação com os alunos durante os recreios, a estagiária não conseguiu manter a disciplina na sala de aula. Penso que o que faltou neste dia foi a imposição de regras logo no início da manhã, e considero que a minha colega deveria ter adotado a estratégia de pontuação usada pela professora cooperante para manter a ordem na sala de aula, visto que é o método que as crianças conhecem e com o qual estão mais familiarizadas.

Tenho observado que quando se trabalha com qualquer material didático, devemos lembrar aos alunos as regras de como utilizá-los, ou pedir a um deles que as diga. Houve muita indisciplina, quando trabalharam com o 3.º e 4.º Dons de Froebel, embora seja necessário haver muita concentração para fazer as suas construções. As peças caíram várias vezes e a estagiária não ligou importância a tal facto, que considero importante, visto que muitos dos alunos não ouviram o que ela estava a dizer.

Segundo Carita e Fernandes (1997),

a existência de regras explícitas de conduta, que constituam um quadro normativo claro e preciso, constituem um instrumento precioso na regulação da vida social da turma. A não existência dessas regras origina situações de grande ambiguidade em que alunos e professores, não dominando o terreno, tendem, os primeiros a experimentar quais são os limites do permitido e os segundos a adoptarem atitudes dispersas, um pouco ao sabor das circunstâncias e das idiosincrasias de cada um. (p.78)

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

A professora deu início à aula com a audição da história do “Rabo cortado”; no final perguntou às crianças qual era a moral da história.

Posteriormente os alunos realizaram uma ficha relacionada com a história, em que trabalharam a letra “c”.

Depois do intervalo a professora explicou o que era um pictograma e criou situações problemáticas à volta deste, o que implicava que as crianças analisassem o pictograma (figura de um gelado; cada figura representa o número de gelados que a Célia e os irmãos comeram durante a semana).

Inferência e Fundamentação Teórica

O programa de Matemática do 1.º ciclo do ensino básico (ME, 2007, p. 27) sugere a utilização de pictogramas pelos alunos para a organização e análise de dados.

Ponte e Serrazina (2000), afirmam que um pictograma é “uma representação semelhante ao gráfico de barras, onde a barra é substituída por um certo número de figuras que representam o valor existente em cada categoria dos dados” (p. 215)

Segundo os mesmos autores, torna-se importante trabalhar com os alunos este tipo de representações uma vez que:

a compreensão de gráficos envolve questões de três níveis de complexidade. O nível mais elementar envolve a capacidade de ler directamente dados registados no gráfico para responder a uma questão concreta, sem necessidade fazer qualquer interpretação. O nível seguinte envolve a capacidade de responder a questões que envolvem comparações entre os dados. Finalmente, o nível mais avançado envolve a capacidade de responder a questões que envolvam alguma extrapolação, previsão ou inferência feita a partir dos dados fornecidos (p.215).

O pictograma é um tipo de gráfico que, embora seja mais sugestivo, é menos complexo que um gráfico de barras.

Segunda-feira, 22 de outubro de 2012

A professora iniciou a manhã com a manipulação de um material didático realizando a construção da “escadaria” com o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*. Cada par de crianças tinha que fazer a construção em conjunto e com a ajuda da professora. Depois de feita, a professora criou um problema à volta de uma menina chamada Eva e da sua tia e colocou várias questões: “Quantos degraus subiu a Eva?”; “A tia da Eva da primeira vez subiu 3 degraus e depois subiu 2. Quantos degraus subiu no total?”; “A tia da Eva ia a subir as escadas e levava 1 tabuleiro com 16 bolos, mas tropeçou e caíram 4 bolos. Com quantos bolos ficou?”

Em seguida as crianças realizaram uma proposta de trabalho relacionada com as situações problemáticas referidas acima.

Depois do intervalo, a professora reviu a 15.ª lição da *Cartilha Maternal*. Viu com as crianças que o 2.º valor da letra “c” é diferente da letra “q”. Escreveu algumas palavras no quadro, onde as crianças puderam ver as diferenças entre as letras supra mencionadas. Em seguida realizaram uma ficha de revisão, com vários exercícios: exercício ortográfico (texto com 4 frases escritas no quadro e lidas anteriormente pelos alunos); circundar a palavra correta e copiar essas palavras.

Inferência e Fundamentação Teórica

É importante que os professores, ao prepararem as suas aulas, elaborem métodos onde os alunos façam trabalhos de grande ou pequeno grupo, não só para socializar, mas também para respeitar e aceitar a opinião dos outros. Pois, como afirma Pato (1997):

o trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento.

Com trabalho de grupo é possível, numa turma, ter em conta diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e afectivo dos alunos, respeitar ritmos diferenciados de pensamento e de acção, valorizar processos complexos de pensamento e melhorar a aquisição de competências. (p.9)

Para conduzir a iniciação à leitura, o método utilizado neste jardim-escola supõe a utilização da Cartilha Maternal João de Deus. Deus (1997) define método como sendo “o conjunto de processos e meios que possam facilitar a aquisição do acto de ler.” (p.7)

De acordo com as observações por mim realizadas, posso concluir que é um método eficaz no que respeita à aquisição da leitura por parte do aluno, embora isso dependa da forma como o professor o guia e o faz chegar às crianças.

Terça-feira, 23 de outubro de 2012

Hoje foi o primeiro dia em que pude lecionar. Os temas propostos pela professora cooperante para a minha primeira aula foram: a dentição (Estudo do Meio); pictograma (Matemática) e o plural e singular (Português).

Comecei por relembrar, com as crianças, as regras da sala de aula. Seguidamente iniciei a aula com Estudo do Meio: com a ajuda do *powerpoint* introduzi o tema da dentição e da alimentação saudável. Expliquei quantos tipos de dentes existem e para que servem (incisivos, caninos, pré molares e molares), que fases existem na dentição (dentição de leite e definitiva) e o que é preciso para ter uma boa dentição. Fui fazendo várias perguntas a cada criança, de modo a perceber se estava a ser esclarecedora. Seguidamente os alunos realizaram uma proposta de trabalho.

Posteriormente, na área curricular de Matemática perguntei às crianças o que era um pictograma e realizei com elas um no quadro sobre o número de dentes que caiu numa turma de um 1ºano no primeiro semestre de 2012. Vi com as crianças o que era um semestre e quais eram os primeiros meses do ano. Uma imagem de um dente representava 2 dentes. Ao longo da construção do pictograma, fui fazendo perguntas acerca do mesmo com o intuito de que todas as crianças participassem na sua construção. Em seguida, os alunos realizaram a proposta de trabalho.

No segundo tempo, expliquei o singular e o plural das palavras e de que maneira conseguimos identificá-los. Pedi a cada criança para me dizer o plural ou o singular de uma palavra dita por mim. Posteriormente, fomos para o ginásio, mas antes expliquei o que íamos fazer e relembrei as regras do jogo do dominó. Distribuí uma peça por cada criança e iniciámos o jogo.



Figura 3- Aluno a jogar ao dominó



Figura 4 – Dominó

Inferência e Fundamentação Teórica

Este dia foi importante para mim, não só por ter sido o primeiro dia em que pude lecionar uma manhã de aulas, mas também percebi quais são as minhas maiores dificuldades e aptidões ao lecionar.

Senti que a minha maior dificuldade ao dar a aula à turma de 1.º ano foi manter a disciplina na sala de aula. Apesar de no início ter relembrado as regras da sala de aula com os alunos, não consegui manter a turma disciplinada ao longo de toda a manhã. Na reunião, ao falar com a professora cooperante e com as colegas de estágio percebi que tenho vários aspetos a melhorar, tais como: mudar o tom de voz, ser mais firme/rígida com as regras de sala de aula, circular mais pela sala e ver quem chega atrasado, mantendo o aluno a par da matéria já dada.

No entanto, a professora cooperante elogiou-me e referiu também os aspetos positivos da aula: o facto de ter estabelecido as regras da sala no início da aula; consegui transmitir os conteúdos de forma clara, preocupando-me sempre se alguém não tinha percebido; no fim da manhã fiz um resumo de tudo o que foi dado, para perceber se a matéria tinha sido adquirida por parte dos alunos e consegui gerir o tempo de forma adequada.

Penso que o facto de termos ido para o ginásio favoreceu a aula porque é importante para os alunos saírem da sala de aula e mudar de ambiente. Como nem todos os alunos mostram interesse pelas mesmas atividades e conteúdos, é importante que o professor diversifique a sua forma de levar a cabo os assuntos para que consiga mais facilmente chegar a toda a turma.

Jensen (2002) refere que:

uma vez que o que é desafiante para um aluno pode não ser para outro, tal facto constitui um poderoso argumento em favor de uma melhor escolha do processo de aprendizagem, incluindo a aprendizagem autocontrolada e uma

maior variedade nas estratégias utilizadas com vista a conquistar melhor os seus alunos. (p.66)

Assim, o professor deve diversificar as suas estratégias na abordagem dos conteúdos e deve ter em conta que cada criança tem a sua forma de aprender, de modo a tentar satisfazer todas.

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012

A professora iniciou a manhã, como é costume às sextas-feiras, com a leitura de várias histórias do livro “Brincar com as palavras” de Luísa Ducla Soares.

Hoje uma das estagiárias, teve uma aula surpresa em que tinha que estar com três alunos na *Cartilha Maternal* enquanto o resto da turma legendava uma imagem distribuída pela estagiária, escrevendo uma frase sobre ela.

Na hora do recreio, tivemos (todos os estagiários) uma reunião, com as Professoras Supervisoras da Prática de Ensino Supervisionada, relacionada com as aulas surpresa realizadas neste dia. Cada estagiária falou dos pontos fracos e fortes da aula, os professores cooperantes também falaram e, por fim, as professoras supervisoras fizeram uma análise sobre a mesma.

Depois do intervalo, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Português, onde reviram a letra “g”.

Inferência e Fundamentação Teórica

Hoje foi o primeiro dia em que assisti a uma aula surpresa e a uma reunião com as Professoras Supervisoras da Prática de Ensino Supervisionada. A meu ver, como futura professora, estas reuniões depois da aula surpresa são um contributo importante para cada um de nós, pois as críticas que ouvimos, negativas ou positivas, ajudam-nos a crescer, não só como futuros professores, mas também como pessoas.

As reuniões são muito benéficas, uma vez que, segundo Perrenoud (2002), “ninguém está, no entanto, condenado a reflectir sozinho. Pode fazê-lo em equipa, em rede, no seio do seu estabelecimento escolar, em grupos de trabalho dentro de uma área educativa, numa zona ou numa rede de educação prioritária, ou através de uma supervisão ou de um dispositivo de análise das práticas” (p.69).

O meu ponto de vista, as aulas surpresa são uma ajuda para o futuro porque os professores têm que estar preparados para improvisar, mas constituem um momento de grande tensão para qualquer pessoa. Pode correr lindamente num dia e noutro não correr assim tão bem, mas penso que não é por esse momento único que se avalia um estagiário como bom ou mau futuro professor.

Segunda-feira, 29 de outubro de 2012

A manhã inicia-se com a leitura de uma história trazida por um dos alunos, "O gato Gatão, Poeta de profissão". O livro continha várias rimas e a professora pediu às crianças para as identificar. Em seguida, como é hábito à segunda-feira, a professora conversou com os alunos sobre o fim de semana.

Posteriormente, a professora pediu a duas crianças para distribuírem uma caixa com palhinhas por cada par de mesas. A professora mandou cada grupo retirar da caixa 3 peças encarnadas, 2 verdes e 3 amarelas e colocou várias questões: "Quantas palhinhas encarnadas e verdes tiraram da caixa?"; "Quantas palhinhas tiraram no total?"; "Quanto é metade de 8?"; "Quanto é o dobro de 8"; "Quanto é o triplo e o quádruplo de 8?". Seguidamente, cada um teve que fazer "grupinhos" de maneira a decompor o número 8 ($3+2+3=8$; $4+4=8$; $6+2=8$; $1+7$).

Depois de fazerem vários exercícios com as palhinhas, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Matemática.

Após o intervalo, os alunos reviram a 16.^a lição da *Cartilha Maternal*, e exploraram a letra "g". A professora escreveu um texto com 4 frases no quadro e alguns alunos leram-nas uma a uma. À medida que iam sendo lidas, a professora colocava várias questões. Uma das frases dizia: "O Miguel foi com a Guiga à festa da Guarda". A professora pediu a uma das estagiárias para ir buscar um mapa de Portugal e assim teve oportunidade de mostrar aos alunos onde fica a Guarda.

Realizaram uma proposta de trabalho onde tinham que fazer interpretação do texto e a sua ilustração.

Inferência e Fundamentação Teórica

Ao trabalhar com materiais alternativos, neste caso com as palhinhas, a professora tem por objetivo desenvolver nos alunos: os exercícios de contagem; a ordenação e a seriação; a aquisição da noção de conjunto: caracterização e classificação; noção de: maior, menor e equivalente; execução de cálculo mental.

Caldeira (2009), salienta a importância de desenvolver os objetivos acima descritos:

Agrupar objectos formando conjuntos que obedeçam a uma propriedade determinada, motiva e solidifica aprendizagens Matemáticas. A capacidade de seriação e ordenação por tamanho, cor, o processo de ordenar uma sequência, de modo a que se reconheça uma relação de precedência e sucessão, são actividades que devem ser propostas de modo a que as crianças "trabalhem" atributos que tenham um sentido real, para evitar a descontextualização. (p.319)

Terça-feira, 30 de outubro de 2012

Esta manhã observei as aulas lecionadas pela estagiária do Mestrado de pré e 1.º ciclo do ensino básico. Iniciou a sua aula pela área curricular de Português e começou por fazer uma animação da história “Jacaré com dores de dentes” com um avental de histórias; e no final fez várias perguntas aos alunos de modo a perceber se a história tinha sido percebida pelos mesmos.

Posteriormente, trabalharam com o material didático e manipulável - *Cuisenaire* - e com os algarismos móveis com o intuito de rever a tabuada do 1. Cada par de crianças tinha uma caixa e um saco com os algarismos móveis. Realizaram uma proposta de trabalho, depois do intervalo.

Por fim, o estudo do meio foi a última área curricular lecionada pela estagiária; o tema da aula foi a higiene oral. A aula foi dada com a ajuda de um *powerpoint* e de um material trazido pela estagiária (dentes, escova, pasta de dentes e fio dental).

Inferência e Fundamentação Teórica

A estratégia utilizada pela estagiária para fazer a animação da história foi fundamental para captar a atenção e o interesse dos alunos. Apesar de não ter assistido à sua apresentação inicial, na reunião que tivemos com a professora cooperante pude comprovar que os alunos estavam deliciados a ouvir a história.

O facto de proporcionar às crianças momentos de contacto com a leitura permitir-lhe-á mais tarde, tornarem-se leitores assíduos. Sim-Sim (2006) considera que “a leitura de histórias às crianças por parte dos adultos constitui um dos momentos privilegiados de interacção afectiva permitindo, em simultâneo, a emergência de comportamentos de leitura.” (p.122)

Na área curricular de Matemática, embora os conteúdos tenham sido bem transmitidos, a aula tornou-se muito maçadora, pois a estagiária ocupou uma hora e meia a expor a matéria. Logo, em Estudo do Meio o tema abordado foi dado a correr. A estagiária não conseguiu gerir o tempo de forma adequada.

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Hoje o dia foi diferente, visto ser dia de *Roulement*, a professora cooperante não estava presente, e os 1.º e 2.º anos trabalharam em conjunto. As crianças estavam divididas por duas salas e na primeira parte da aula, enfeitaram abóboras com vários utensílios (tecidos, papel autocolante, fios, etc.). O trabalho foi feito aos pares; no final, estes, apresentaram as suas abóboras à turma.

Na segunda parte da aula, os alunos fizeram bolinhos de manteiga com a ajuda das estagiárias e professoras.



Figura 5 – Tabuleiro com bolos feitos pelos alunos

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Como é habitual, quando começa a semana, a professora conversa com os alunos sobre como correu o fim de semana e o que gostaram mais de fazer.

Posteriormente, recordaram a letra “g”, explorando os seus vários valores. A professora teve que interromper a aula, pois uma das estagiárias teve uma aula surpresa.

A aula consistia em fazer leitura de números, com a ajuda do material didático e manipulativo - Calculadores Multibásicos. A estagiária pediu que os alunos retirassem uma placa da caixa e que fizessem o trabalho aos pares. Primeiro pediu aos alunos para representarem o número 532 na placa, fazendo a leitura por ordens, por cores e por classes. Em seguida, a estagiária pediu aos pares que representassem na placa um número: em cada buraco não podiam pôr mais que 3 peças e só podiam por peças até à ordem das dezenas. Por fim pediu a um dos grupos para ir representar o número ao quadro e para ler o número por ordens, por cores e por classes.

A professora deu seguimento à aula da estagiária, dando aos alunos uma proposta de trabalho sobre a leitura de números.

Inferência e Fundamentação Teórica

A meu ver, sendo esta turma muito indisciplinada a nível de comportamento, é importante estabelecer regras e ser firme no seu cumprimento principalmente quando se trabalha com materiais. Segundo Marques (2001), “na escola básica, é imperioso que o professor clarifique as regras com os alunos e os faça entender a importância de as respeitar.” (p. 108)

Importa também referir que alguns alunos olham para as estagiárias como alguém que não lhes é superior, mas, ao estabelecer as regras a serem cumpridas, o professor/estagiário permite que os alunos tenham conhecimento dos comportamentos a adotar e mais facilmente os possam cumprir. Marques (2001) afirma que “os alunos têm de saber o que o professor espera deles, aquilo que lhes é permitido fazer e o que lhes é negado.” (p.110)

Ao assistir à aula da minha colega percebi que é fundamental que os alunos conheçam as regras da sala de aula e que sejam incentivados a cumpri-las; o reforço positivo e o elogio ao bom comportamento talvez sejam um bom meio para alcançar esse fim.

Sexta-feira, 9 de novembro de 2012

Um dos alunos trouxe a sua árvore genealógica e o álbum, como pedido pela professora aos pais. A professora apresentou-a à turma com a ajuda do aluno.

Em seguida, a estagiária Manuela retomou a sua aula de terça-feira, visto que não conseguiu concluí-la, pois os alunos foram assistir a um teatro. Começou por projetar a Lição do Pedro e pediu a algumas crianças para lerem. Posteriormente, iniciou um jogo, “Caça ao erro”. As crianças estavam divididas em duas filas, que representavam as duas equipas. Primeiro pediu a algumas crianças, mais uma vez, que lessem a lição do Pedro, mas agora tinham que detetar os erros com a ajuda da sua equipa.

Depois do intervalo, as crianças realizaram uma proposta de trabalho sobre Combinações. Foi dado um envelope a cada aluno, com vários recortes de roupas e estas tinham que fazer o máximo de combinações possíveis (calças e camisolas). O tema foi dado na aula anterior e as representações das várias combinações tinham sido feitas no quadro com a ajuda da estagiária.

Inferência e Fundamentação Teórica

Ao contrário da manhã de aulas de sexta-feira, a minha colega não conseguiu manter a disciplina na sala de aula e revelou não se sentir segura no conteúdo que abordou – Lição de Pedro – da cartilha maternal.

Vieira (2000) afirma que “um professor que se sinta seguro tem a capacidade de transmitir segurança aos seus alunos, ou seja, tem a capacidade de tranquilizar o grupo/turma” (p. 56).

A meu ver, a insegurança da estagiária foi transmitida aos alunos, daí ter havido uma grande agitação na sala de aula.

Segunda feira, 12 de novembro de 2012

Hoje a maioria dos alunos trouxe as suas árvores genealógicas e apresentaram-nas à turma com a ajuda da professora.

Como é hábito, às segundas feiras, a professora pergunta às crianças como foi o fim de semana e hoje, em particular, perguntou: “Quem comeu castanhas no dia 11 de novembro, domingo? E quem sabe que dia foi ontem?”. A professora leu a “Lenda do Verão de São Martinho” aos alunos e, à medida que ia lendo, ia-lhes perguntando o significado de algumas palavras difíceis.

Posteriormente, e ainda com base no texto lido, as crianças realizam uma proposta de trabalho para perceber se cada aluno entendeu a história do princípio ao fim. Tinham que recortar imagens, colocando-as por ordem cronológica, de forma a passar a mensagem do texto. Em seguida, em conjunto e com a ajuda da professora, resumiram cada imagem formando uma ou mais frases para cada imagem.

Na segunda parte da manhã, realizaram um ditado de lateralização, de onde resultou a figura de uma castanha. A professora, antes de iniciar o ditado, lembrou o lado direito e o lado esquerdo, fazendo referência à janela (lado esquerdo) e à porta (lado direito). A maioria dos alunos conseguiu fazer o ditado sem dificuldades, mas houve alguns que tiveram dificuldades, não conseguindo obter o resultado pretendido.

Inferência e Fundamentação Teórica

Ao realizar o ditado de lateralização, os alunos devem seguir as orientações dadas pela professora: esquerda, direita, cima e baixo, e o número de vezes que essas orientações são utilizadas. Segundo Serrazina (2008), “Desenvolver nas crianças capacidades relacionadas com o *orientar* inclui actividades de localizar e tomar um ponto de vista.” (p.16)

Terça-feira, 13 de novembro de 2012

Neste dia de estágio decorreu a manhã de aula de uma das estagiárias que organizou de forma diferente a sala, pondo as mesas em forma de “U”. Começou por distribuir aos alunos um envelope que continha um cartão de uma cor: havia três cores diferentes, e cada cor representava uma equipa. Sempre que cada aluno respondia acertadamente, a sua equipa recebia pontuação, se houvesse indisciplina, a estagiária retirava pontos. Esta foi a forma que a minha colega escolheu para cativar o interesse dos alunos.

A estagiária distribuiu uma folha de jornal a cada criança onde colou uma notícia escrita por si. Pediu a alguns alunos para lerem a notícia e fez a sua interpretação colocando-lhes várias questões. Na área de Estudo do Meio falou com

as crianças sobre alguns pontos turísticos da cidade de Lisboa em Matemática introduziu os numerais ordinais.

1.2. 2ª Secção: 2.º Ano B

1.2.1. Caracterização da turma do 2.º Ano

A turma do 2.º B é constituída por 24 alunos: 11 elementos do sexo masculino e 13 elementos do sexo feminino, sendo relativamente homogénea em termos de idades; todas as crianças nasceram entre Janeiro e Dezembro de 2005.

A nível cognitivo, os alunos não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento, embora haja algumas com mais dificuldades e outras mais desenvoltas a nível cognitivo, de raciocínio lógico, de psicomotricidade e de socialização. Existem quatro alunos que denotam a todos os níveis mais dificuldades de concentração e, por conseguinte, de aprendizagem.

De uma forma geral, a turma é bastante interessada, colaborativa e participativa em todas as atividades.

A nível afetivo, a turma não apresenta grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem, havendo grupos de interesse para partilharem brincadeiras e conversas. Todos os alunos estabelecem uma boa relação com a professora titular.

1.2.2. Espaços, rotinas e horários

• Caracterização do Espaço

A sala desta turma tem um formato retangular, sendo que duas das paredes são compostas por várias janelas, o que permite a entrada de luz natural.

As mesas e as cadeiras, pertencentes aos alunos, estão distribuídas por três filas viradas de frente para o quadro, e é nelas que estes realizam a maioria das atividades.

Nas duas primeiras semanas de estágio, a secretária da professora estava situada por detrás das mesas das crianças, virada de frente para o quadro. Mas posteriormente, passou a estar no topo da sala, de frente para os alunos e de costas para o quadro.

Encontrando-se no meio de duas salas de aula, esta sala é um local de passagem de outras turmas.



Figura 6 – Sala do 2.º Ano B



Figura 7 – Sala do 2.º Ano B

- **Rotinas**

As rotinas, como já foi referido anteriormente, são extremamente importantes na vida das crianças, pois são uma maneira de estas saberem o que vai acontecer ao longo do dia.

- **Horários**

Segue-se a apresentação do horário da turma B do 2.º ano de escolaridade, onde pode ser comprovada a rotina diária e semanal dos alunos.

Consoante as necessidades dos alunos, este horário pode estar sujeito a alterações, embora na maioria das vezes seja cumprido.

Quadro 3 – Horário do 2.º ano B

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 10h00m 10h00m 11h00m	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
	Estudo acompanhado			Estudo acompanhado	
11h00m	----- Recreio/Higiene -----				
11h20m 13h00m	Estudo do Meio (Clube de ciência) (quinzenal) (11h20/12H10)	Matemática	Português	Matemática	Português
	Português			Assembleia de turma (12h40)	
13h00m	-----Higiene/Almoço/Recreio -----				
14h30m 15h20m	Expressão e Educação Musical	Educação Física	Estudo do Meio	Expressão e Educação Musical	Estudo do Meio
				Cerâmica	
15h20m 16h10m 16h10m 17h00m	Expressão e Educação Plástica	Estudo do Meio/Português (Quinzenal)	Inglês	Estudo do Meio	Inglês
		Estudo do Meio/Área de projeto	Expressão e Ed. Físico-Motora	Estudo do Meio Ed. Cidadania	Estudo do Meio/Ed. Cidadania

1.1.3. Relatos diários

Segunda-feira, 19 de novembro de 2012

Hoje foi o primeiro dia que estivemos no 2º ano. No início da aula a professora cooperante falou connosco, disponibilizando-se para nos ajudar sempre que tivéssemos alguma dúvida. Em seguida apresentámo-nos à turma, e cada aluno fez a sua apresentação.

A professora fez uma revisão da prova dos nove com os alunos e com a ajuda dos calculadores Multibásicos. Começou por perguntar aos alunos como se realiza a prova dos nove na adição; sempre que cada aluno responde corretamente a professora entrega uma borboleta, que representa 1 ponto. Posteriormente pediu que realizassem uma adição com os calculadores e fizessem a prova dos nove.

Nesta aula, a professora deu início a uma nova matéria, a prova real pela mesma operação. Depois de a ensinar, os alunos fizeram várias operações nos

calculadores para assimilarem a matéria dada. Em seguida realizaram uma proposta de trabalho.

Na segunda parte da manhã, os alunos realizaram autonomamente uma proposta de trabalho de Português sobre o Conhecimento Explícito da Língua e fizeram a sua correção com a professora.

Inferência e Fundamentação Teórica

Para mim, a mudança de ano é sempre uma experiência nova de aprendizagem, visto que nunca tive contacto com essa realidade escolar. Sinto por isso que estou a aprender com os alunos e com a professora, sentindo sempre muita curiosidade como se trabalha com os diferentes materiais nos diferentes anos escolares do 1.º ciclo.

É de extrema importância as crianças desenvolverem conceitos matemáticos. As provas consistem em realizar outras operações, para confirmar se a 1.ª operação efetuada está correta. Ruas & Grosso (2002) afirmam que “para confirmar o resultado de um cálculo, é costume efectuar-se um outro cálculo, chamado prova, pela mesma operação ou pela operação inversa e, com base nas propriedades das operações, fazer a confirmação que se pretendia” (p. 121).

Terça-feira, 20 de novembro de 2012

A professora, no início da manhã, teve uma pequena conversa com os alunos sobre a festa de Natal. Em seguida os alunos estiveram a organizar o *dossier* de casa e a professora disse as datas dos testes, que os alunos marcaram no calendário, para os pais ficarem informados da sua realização.

Posteriormente, fizeram a leitura e interpretação do texto “Os insatisfeitos”. A professora lê o texto todo e depois pede a cada um dos alunos para lerem em voz alta enquanto vai fazendo a sua avaliação individual. Logo a seguir realizam a proposta de trabalho de Português, que contém exercícios gramaticais e de interpretação.

Na segunda parte da aula, realizaram uma proposta de trabalho que estava relacionada com o que deram no dia anterior na área curricular de Matemática: prova dos nove e prova real pela mesma operação na adição.

Inferência e Fundamentação Teórica

É hábito a professora, ao longo das semanas, fazer a avaliação da evolução da leitura em voz alta dos alunos, como descrito no relato em cima. Em geral a turma tem bons resultados, salvo algumas exceções, que ainda leem de forma lenta e “soluçada”.

Segundo Jean (2000, p.34), “ler em voz alta supõe que o leitor ‘reconhece’ um

texto que já leu em silêncio ou não, e sobretudo que ele compreende o suficiente para antecipar com os olhos a sua leitura 'oralizada'.”.

É de salientar, que tanto os alunos com mais dificuldades como os alunos com menos, são sempre elogiados pela professora, de maneira a incentivá-los a trabalharem em casa e a tomarem o gosto pela leitura. Para Carita e Fernandes (1997, p. 57), “o elogio é particularmente eficaz com os mais pequenos, mas, na verdade, o elogio ajustado é sempre uma fonte de reforço da autoestima e da confiança pessoal.”.

Sexta-feira, 23 de novembro de 2012

Na primeira parte da manhã houve um dos primeiros ensaios para a festa de Natal, com as duas turmas do primeiro ano e com as duas do segundo, no ginásio.

Na segunda parte da manhã, alguns alunos fizeram a correção dos erros ortográficos e, seguidamente, realizaram uma proposta de trabalho, autonomamente, sobre o conhecimento explícito da língua.

Inferência e Fundamentação Teórica

Os exercícios sobre o conhecimento explícito da língua são indispensáveis na aprendizagem dos alunos. O Novo Programa de Português do EB (ME, 2009) explica:

Entende-se por *conhecimento explícito da língua* a reflectida capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais do idioma, levando à identificação e à correção do erro; o *conhecimento explícito da língua* assenta na instrução formal e implica o desenvolvimento de processos metacognitivos. (p. 16)

Para Costa, Santiago e Viegas (2011):

O termo “Conhecimento Explícito” só faz sentido tendo como referência a ideia de que existe conhecimento implícito sobre a língua. Por outras palavras, um trabalho sobre conhecimento explícito assume, de forma inequívoca, que os alunos são falantes competentes, ou seja, utilizadores da língua que mobilizam de forma automática regras gramaticais para gerar e produzir enunciados na sua língua. (p.7)

Com isto os autores querem referir que os alunos devem aprender conteúdos gramaticais, desde cedo, para que sejam falantes competentes na sociedade.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Hoje, as turmas do primeiro e segundo anos e respetivos professores e estagiárias foram divididos por três salas. Numa sala os alunos ensaiaram as músicas, noutra treinaram as falas para o teatro e no ginásio treinaram as coreografias para as várias músicas.

Depois do intervalo, os alunos tiveram Clube de Ciências com a professora desta área específica. A professora começou por perguntar aos alunos se achavam

que o gelo flutua na água ou não. Em seguida, entregou um protocolo e os alunos leram uma pequena introdução, a questão-problema, o material, o procedimento, os resultados e a conclusão.

Posteriormente, fizeram, com a professora titular, a leitura e interpretação do texto “A menina de cabelinhos de ouro” e realizaram uma ficha que serviu de revisões para o teste.

Inferência e Fundamentação Teórica

Hoje foi o primeiro dia em que assisti a uma aula do Clube de Ciências. Pelo que pude observar, o Clube de Ciências é uma atividade recebida com muito entusiasmo por parte de todas as crianças. Veiga (2003) realça a necessidade emergente de introduzir as ciências nos primeiros anos de escolaridade afirmando que “a tônica crescente na necessidade de aprender ciências desde cedo na escola, com o grande objectivo de ajudar a construir uma sociedade cientificamente letrada, é fruto de um processo evolutivo.” (p. 17)

Assim o clube de ciências, permitirá desenvolver atitudes, capacidades e valores, que irão ajudar o aluno a compreender-se a si próprio e o mundo que o rodeia. Estes objetivos da educação em Ciências nos primeiros anos, não serão alcançados se o papel do professor não for determinante.

Sexta-feira, 30 de novembro de 2012

Na primeira parte da manhã, os alunos estiveram no ginásio a ensaiar o teatro para apresentar aos pais no dia da festa de Natal aos pais.

Depois do intervalo, a professora fez a leitura e interpretação do texto “A borracha cansada”. Como é habitual, a professora primeiro lê o texto e depois todos os alunos leem uma pequena parte do texto, enquanto a professora faz a sua avaliação.

Depois de todos terem lido o texto, a professora diz aos alunos para virarem o texto e pergunta: quantos parágrafos tem o texto, quantos períodos tem o primeiro parágrafo, qual é o autor do texto, qual o título do texto.

Inferência e Fundamentação Teórica

Como já referi anteriormente, a professora faz regularmente a avaliação do desempenho da leitura dos alunos.

Uma avaliação contínua permite ao professor e ao aluno aperceber-se das dificuldades existentes e procurar estratégias para que as possam ultrapassar. Para Borràs (2001), “é necessário que o educador vá recolhendo a informação do

aluno com o fim de avaliar os progressos e delinear adaptações curriculares.” (p. 363)

A estratégia que a professora titular utiliza ao questionar os alunos relativamente à estrutura do texto faz com que estes desenvolvam a memória. Feldman (1999) define memória como sendo “o processo através do qual codificamos, armazenamos e recuperamos informação.” (p. 221)

Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012

No início da manhã, enquanto uma aluna fazia o teste de Matemática, por ter faltado no dia da sua realização, os outros alunos realizaram uma proposta de trabalho de Matemática autonomamente e em silêncio, para não perturbarem a colega. A aluna acabou por ir com uma das estagiárias para a sala de apoio, pois não estava a conseguir concentrar-se.

A professora teve que explicar aos alunos a ficha de trabalho, pois a maioria não estava a perceber o que tinham que fazer nos vários exercícios. À medida que os alunos iam acabando, foram treinando a tabuada numa folha.

Na segunda parte da manhã, os alunos fizeram a leitura e interpretação do texto “O amigo pai Natal”. Primeiro a professora diz aos alunos para lerem o texto em silêncio e em seguida pede a alguns alunos para lerem em voz alta. Depois pede a um aluno para fazer o resumo da história. Posteriormente, a professora volta a dizer aos alunos para lerem o texto em voz baixa, para, em seguida, realizarem o exercício ortográfico de algumas frases do texto.

Por fim, resolvem os exercícios gramaticais pedidos na proposta de trabalho.

Inferência e Fundamentação Teórica

Como é possível comprovar nos relatos diários, a professora titular planifica de uma forma muito frequente um exercício ortográfico.

Barbeiro e Pereira (2007) sugerem que “a aprendizagem da escrita beneficia de uma escrita pessoal frequente, da resolução de exercícios modulares e sistematizados.” (p.8)

A meu ver, esta situação torna-se vantajosa para os alunos na medida em que é através da prática constante de exercícios de escrita que mais facilmente poderão ultrapassar as suas falhas.

Terça-feira, 4 de dezembro de 2012

Os alunos do primeiro e do segundo ano tiveram um ensaio das músicas de Natal, com o professor da respetiva área não curricular, no ginásio.

Em seguida fizeram a ficha de avaliação de Estudo do Meio: a professora no início leu todos os exercícios do teste e os alunos realizaram o teste sem dificuldades.

Na segunda parte da manhã, os alunos elaboraram uma expressão escrita em que tinham que escrever uma carta ao pai Natal.

Inferência e Fundamentação Teórica

Para cada aluno, seja qual for a sua idade, os momentos de avaliação são sempre de grande tensão e ansiedade. Segundo Pais e Monteiro (1996),

A avaliação sumativa distingue-se, sobretudo, da avaliação diagnóstica e da formativa pela intenção, pelos objectivos.

A avaliação sumativa constitui sempre um balanço final, um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.(p.49)

Ao elaborar uma expressão escrita, as crianças desenvolvem várias capacidades, tais como a imaginação, a criatividade e a escrita.

Para Spodek e Saracho (1998) este tipo de actividades “deve estimular a criatividade e o pensamento divergente, para ajudar as crianças a entenderem a dimensão criativa da escrita feita por outros. Estas actividades podem ajudá-las e se envolverem ativamente no processo criativo da escrita.” (p.256).

Sexta-feira, 7 de dezembro de 2012

Visita de estudo ao *Kid Stuff* na Feira Internacional de Lisboa (FIL). Este evento tem vários *ateliês* e actividades temáticas em que os alunos puderam participar com a ajuda dos colaboradores das diversas áreas.

Inferência e Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são importantes no processo de aprendizagem dos alunos, pois devem ser encaradas como momentos de experimentação e participação das crianças. Para Borràs (2001a), “qualquer visita de estudo fora da sala de aula é já, em si mesma, uma actividade de aprendizagem.” (p.450)

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

Hoje as crianças trouxeram cartazes sobre Lisboa; este trabalho foi elaborado em casa, com a ajuda dos pais. Enquanto a professora expunha os trabalhos pela

sala, e nós, estagiárias, ajudávamos a elaborar os adereços para a festa de Natal, uma aluna leu uma história aos colegas e fez perguntas de interpretação.

Depois de tudo organizado, a professora disse aos alunos para lerem o texto “Matilde e Gonçalo na Serra”, realizando em seguida o exercício ortográfico de algumas frases do mesmo.

Na segunda parte da manhã realizaram uma proposta de Matemática sobre simetrias de reflexão e pintaram a capa das avaliações sumativas.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia destaco a importância do envolvimento dos pais na vida escolar dos seus filhos e na cooperação na realização de trabalhos entre pais e filhos.

Diogo, Serpa, Caldeira, Moniz & Lopes (2002) sugerem que “nos alunos, o envolvimento parental conduz a uma maior motivação, a mais aproveitamento escolar e a um melhor comportamento disciplinar.” (p.288)

Também os familiares participativos beneficiam neste tipo de atividades.

Segundo Marques (2001b), “os pais que colaboram habitualmente com a escola ficam mais motivados para se envolverem em processos de actualização e reconversão profissional e melhoram a sua auto-estima como pais.” (p.22)

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012

Depois de muitos ensaios, hoje foi o dia da festa de Natal. Tanto para as crianças como para os professores, e também para nós, estagiárias, que ajudámos para que tudo se realizasse da melhor forma, estes dias de festa são sempre de grande nervosismo, entusiasmo e expectativa.

A festa teve lugar no centro social e contou não só com a presença de todos os familiares que aceitaram o convite de vir assistir à festa dos seus filhos/netos, mas também de todos os professores e diretores das várias escolas.

A função das estagiárias neste dia, foi de ajudar a manter a disciplina nos bastidores, na organização do vestuário e nas entradas e saídas do palco.

Inferência e Fundamentação Teórica

A importância da ligação permanente entre a escola e a família é um benefício para a vida escolar de cada criança, proporcionando um equilíbrio no quotidiano de cada aluno. Diez (1994) afirma que “há que relembrar, uma vez mais, a importância de que exista na família e na escola um ambiente sereno e um clima de franco diálogo entre todas as pessoas do grupo, para que o educando possa crescer com naturalidade.” (p.50)

A festa de Natal pode constituir um momento de aproximação entre a escola e a família, estreitando a relação e beneficiando, conseqüentemente, os alunos desta situação.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Hoje foi o último dia de aulas do 1.º período. Na primeira parte da manhã a professora pediu aos alunos para fazerem um desenho sobre o Natal e depois ofereceu a cada um uma pequena lembrança pelo Natal.

Na segunda parte da manhã, a professora projetou o vídeo da festa de Natal, realizada no dia 11 de dezembro.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013

A professora deu início à aula perguntando aos alunos o que tinham dado ontem, com o intuito de fazer uma revisão da prova real pela operação inversa.

Hoje fomos (eu e as minhas colegas) assistir a uma aula surpresa de duas estagiárias que estão no 4.º ano. A aula consistia em trabalhar o volume com o material estruturado *Cuisenaire*.

Como é habitual, depois de aulas surpresa há uma reunião com as professoras supervisoras da prática pedagógica.

Inferência e Fundamentação Teórica

As aulas que decorreram hoje na sala do 4.º ano da turma A tiveram dois momentos distintos. A primeira estagiária mostrou bastante insegurança, enquanto a segunda se mostrou bastante confortável e confiante tanto com a manipulação do material – *Cuisenaire* – como também com a matéria pedida.

Quando o docente demonstra em sala de aula atitudes competentes e desempenha um bom trabalho, acaba por se gerar nas crianças maior entusiasmo para a aprendizagem, visto que estas sentem uma maior confiança e segurança em relação ao professor. Como Jesus refere (1996):

Quando o professor expressa atitudes de confiança no potencial de desenvolvimento e de aprendizagem dos alunos e desenvolve neles um pensamento divergente, eles empenham-se mais nas actividades escolares e obtêm melhores resultados. Para tal, deve adoptar atitudes que inspirem estabilidade, segurança e que, simultaneamente, promovam a construção de uma auto-imagem realista e positiva no aluno. (p.16)

Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013

A professora teve que iniciar a aula no ginásio, enquanto o chão da sala de aula secava. Começou por conversar com os alunos sobre o fim de semana e depois iniciou um jogo de mímica em que um dos alunos tinha que representar uma ação para os seus colegas adivinharem.

Na sala de aula fizeram a leitura do número 395423, por ordens e classes e indicaram o algarismo com maior e menor valor absoluto e relativo. Seguidamente, realizaram uma proposta de trabalho.

Depois do intervalo, houve Clube de Ciências. A experiência consistia em perceber porque é que há pinhas abertas e pinhas fechadas.

A professora cooperante retomou a aula de Matemática. Como a maioria dos alunos não conseguiu realizar a operação da divisão, a professora teve que voltar a ensinar, com o intuito de todos ficarem a perceber os passos que tem que realizar para chegarem ao resultado final.

Na área curricular de Português, fizeram a leitura e interpretação do texto “Tudo ao contrário”.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia realço a importância de a professora ter feito uma nova explicação sobre a realização da divisão, de modo que todos os alunos ficassem a entendê-la de forma adequada, para posteriormente não ocorrerem erros. É necessário que um professor transmita noções cientificamente corretas e adequa o seu discurso ao público a que se destina. Estanqueiro (2010) relembra que “ensinar é comunicar. A primeira condição para comunicar de forma eficaz é a competência científica (conhecer aquilo que se ensina)” (p. 36).

Terça-feira, 8 de janeiro de 2013

Hoje a manhã de aulas foi planeada por mim. Comecei por pedir aos alunos para lembrarem as regras da sala, prosseguindo em seguida a aula de forma ordenada.

Iniciei a aula com a área curricular de Português em que fiz a leitura modelo de um texto: *Os meios de transporte* e pedi a alguns alunos para lerem mais uma vez o texto em voz alta. Como alguns alunos chegaram atrasados, pedi a uma aluna para resumir o texto de forma que os outros acompanhassem a aula. Fiz interpretação e análise gramatical do texto com o intuito de inserir uma nova matéria: determinantes artigos definidos. Para finalizar criei um desafio: cada equipa correspondia a uma fila, ou seja, havia três equipas. Apresentei, através de um *powerpoint*, várias imagens

com o respetivo nome em baixo; os alunos tinham que inserir o determinante artigo definido antes do nome de forma correta.

Seguidamente, passei para a área curricular de Estudo do Meio – os meios de transporte. Com a ajuda de um *powerpoint*, apresentei a nova matéria para depois cada par de alunos colocar uma imagem, por mim distribuída, de um transporte no cartaz respetivo – aquático, terrestre ou aéreo. Por fim os alunos realizaram uma proposta de trabalho, por mim orientada, que continha palavras cruzadas.

A segunda parte da manhã foi dedicada à área curricular de Matemática – noção de medidas de comprimento. Apresentei a unidade principal, os múltiplos, os submúltiplos e os principais materiais que são utilizados para medir. Em seguida os alunos mediram alguns objectos que utilizam no dia-a-dia com régua ou com um metro.

Inferência e Fundamentação Teórica

A meu ver, a utilização de um suporte digital na área curricular de Estudo do Meio facilita a transmissão de conhecimentos e possibilita haver um diálogo entre professor e alunos à medida que vão surgindo imagens. Estanqueiro (2010) menciona que “os recursos multimédia servem como instrumentos para ampliar a capacidade de comunicação do professor e não como varinhas mágicas, truques espectaculares, para disfarçar a falta de conhecimentos.” (p.37)

Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013

Hoje a manhã de aulas foi lecionada pela Maria. Relembrou as regras da sala de aula.

Enquanto não chegavam todos, a estagiária pediu aos alunos presentes para lerem o texto em silêncio. Seguidamente fez a leitura modelo e pediu a cada um dos alunos para lerem o texto em voz alta; este texto não continha os determinantes artigos indefinidos. Em seguida, a estagiária distribuiu o texto completo e os alunos circundaram os determinantes artigos indefinidos. Posteriormente, a Maria apresentou um esquema no quadro sobre a matéria.

Na área curricular de Estudo do Meio apresentou o tema Prevenção Rodoviária através de um *powerpoint*.

Na segunda parte da manhã, os alunos foram assistir a uma pequena dramatização no ginásio, por isso a estagiária terá que continuar a sua aula na segunda-feira.

Inferência e Fundamentação Teórica

Como já referi, os alunos do 2.º ano foram ao ginásio assistir a uma dramatização sobre os Três Reis Magos e sobre a história “O traseiro do rei”. Ao longo da dramatização foi solicitada a participação dos alunos. As crianças mostram sempre grande entusiasmo por estas atividades e gostam de participar nelas.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013

Como referi na aula anterior, a primeira hora da manhã foi lecionada pela Maria, que, através de uma apresentação em *powerpoint*, abordou a noção de perímetro e finalizou com a realização de uma proposta de trabalho.

Ainda na primeira parte da manhã, os alunos estiveram a descodificar através de símbolos o título do texto que iriam trabalhar na segunda parte da manhã.

Depois do intervalo fizeram a leitura e interpretação do texto: *A cidade dos cães*. A professora começou por fazer a leitura modelo e depois todos os alunos leram pequenos excertos do texto em voz alta e fizeram a sua autoavaliação.

Inferência e Fundamentação Teórica

No final da leitura do texto, como já referi, os alunos fizeram a autoavaliação da mesma. Estanqueiro (2012, p.97) menciona que “uma boa prática pedagógica é ajudar os alunos a fazer uma auto-avaliação rigorosa do seu empenho e a tomar consciência dos vários factores que influenciam os seus resultados escolares.”

A autoavaliação é uma boa estratégia de desenvolvimento reflexivo e crítico por parte das crianças. Morgado (2004) aponta que dada “a importância que se atribui à autonomia dos alunos (...) é útil que também em matéria de avaliação e regulação sejam desenvolvidos procedimentos que lhes permitam reconhecer e identificar as suas dificuldades...” (p. 81)

O aluno é obrigado a refletir e a argumentar a defesa da classificação ao atribuir essa mesma classificação à sua própria prestação.

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

Hoje a manhã de aulas foi planeada pela estagiária Madalena. Começou por relembrar com os alunos as regras da sala de aula para de seguida iniciar a aula com a área curricular de português.

Através da apresentação de um *powerpoint* falou dos verbos com o intuito de introduzir o modo infinitivo e o modo indicativo.

Em Matemática, com a ajuda de um *powerpoint*, abordou o tema: simetrias de reflexão. Trouxe um espelho e umas imagens para mostrar as suas reflexões, pediu a

uma aluna para colocar numa folha várias pintas com um guache e dobrou-a para em seguida verificar as simetrias de reflexão. Distribuiu pelos alunos um geoplano e elásticos com o intuito de representarem as simetrias de reflexão das imagens.

A segunda parte da manhã foi dedicada à área curricular de Estudo do Meio, a Madalena simulou com os alunos que estas iam andar de autocarro e, para tal, distribuiu um bilhete a cada um e dirigiram-se em silêncio para o ginásio.

No ginásio estavam várias caixas que representavam várias instituições sociais. A estagiária teve uma conversa com os alunos para conhecer os seus itinerários e, em seguida, fez um percurso com todos os alunos.

Inferência e Fundamentação Teórica

O geoplano permite às crianças criarem figuras geométricas, o que facilita bastante nas simetrias de reflexão, pelo que este material se torna útil na abordagem deste tema. De acordo com Caldeira (2009), “o Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas.” (p. 409)

Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) apontam que “a geometria é essencialmente um meio para a criança conhecer o espaço em que se move, pelo que se torna importante promover a aprendizagem baseada na experimentação e na manipulação.” (p. 67)

Esta foi a primeira vez que assisti a uma aula com este material e constatei ser uma mais-valia na aprendizagem da Matemática, principalmente nos temas relacionados com a geometria.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013

A professora deu início à manhã fazendo uma pequena revisão dos verbos: para que servem e como se classificam gramaticalmente.

A professora cooperante pediu a uma das estagiárias para fazer a leitura e interpretação do texto: “Malmequeres e couves-flor”. Esta começou por fazer a leitura modelo e seguidamente alguns alunos voltaram a ler o texto em voz alta.

Antes de realizarem a proposta de trabalho, realizaram um exercício ortográfico de uma pequena parte do texto referido, e posteriormente fizeram exercícios gramaticais.

Hoje os alunos foram assistir a um musical da banda “Secret lie” no ginásio.

Realizaram exercícios de aplicação: prova dos nove, prova real pela operação inversa (PROI) e prova real pela mesma operação.

Inferência e Fundamentação Teórica

O professor serve de exemplo a todos os alunos. Como tal, antes de solicitar a leitura por parte dos alunos, deve sempre fazer a leitura modelo e solicitar que as crianças o acompanhem, pois o professor possibilita aos alunos uma melhor compreensão do texto e fornece-lhes um modelo de entoação a seguir.

Borràs (2001a) sugere que “o exemplo de uma boa leitura por parte do professor oferecerá estratégias claras a seguir pelo aluno (entoação, ritmo, ênfase e outras).” (p. 366) O mesmo autor acrescenta ainda que “é aconselhável que (...) o docente leia primeiro o texto que o aluno deverá ler em seguida.” (p. 366)

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

Hoje uma colega de estágio lecionou uma aula programada de 60 minutos. Falou sobre os cuidados a ter nas praias e piscinas entregou um texto onde realizaram a leitura e interpretação do texto e em Matemática realizou situações problemáticas com o apoio do material *Calculadores Multibásicos*.

Seguidamente tivemos uma reunião com as professoras da prática pedagógica para falar sobre a prestação das várias aulas ocorridas esta manhã.

Inferência e Fundamentação Teórica

Hoje foi a primeira vez que assisti a uma aula programada e avaliada pelas professoras supervisoras da prática pedagógica. Em geral gostei da prestação da minha colega, pois estava bastante descontraída, confiante e dinâmica.

O dinamismo é fundamental para que os alunos não percam o entusiasmo, Estanqueiro (2010) refere que “O prazer de ensinar revela-se em certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor.” (p.32)

Segunda-feira, 28 de janeiro de 2013

Antes de iniciar a aula, a professora distribuiu pelos alunos alguns trabalhos para arrumar nos dossiês.

A professora fez revisões para o teste formativo de Matemática; começou por fazer algumas perguntas e seguidamente realizaram a proposta de trabalho (leitura de números, operações: adição e subtração, prova dos nove e situação problemática).

Depois do recreio fizeram a leitura e interpretação do texto “Sou uma árvore” de João Paulo Cotrim. A professora primeiro fez a leitura modelo e depois avaliou a leitura dos alunos. Seguidamente os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Português.

Inferência e Fundamentação Teórica

A realização de uma ficha, posteriormente corrigida, pode ser uma forma de revisão, uma vez que a proposta de trabalho tinha questões variadas e abrangentes.

Meirieu (1998) sugere que “se quisermos fazer uma revisão eficaz, é preciso reformular todo o material, voltar a trabalhá-lo, vertê-lo para uma forma diferente, transpô-lo para novos códigos (...) fazer dele algo novo para poder trabalhar.” (p.82)

Sexta-feira, 1 de fevereiro de 2013

A professora iniciou a manhã com a leitura e interpretação do texto “A zaragata dos brinquedos”, de Alice Vieira. Seguidamente os alunos realizaram um exercício ortográfico e uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais (Pretérito Perfeito do Indicativo).

Seguiu-se a aula de Matemática, na qual a professora distribuiu um material não estruturado – *pizzas* divididas em quatro partes iguais - construído pela professora, com o intuito de trabalharem as frações. A professora ia ditando situações problemáticas, e os alunos retiravam as fatias de *pizza* necessárias para representar a solução do problema. Identificaram o denominador e o numerador.



Figura 8 – Representação de $\frac{1}{4}$



Figura 9 – Representação de $\frac{1}{8}$

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia destaco a aula de Matemática, em que, como já referi, a professora distribuiu a todos os alunos um material não estruturado, realizado na altura em que era estagiária. Este foi construído com o intuito de introduzir as frações.

Segundo Caldeira (2009, p.15), “O material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da Matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.” Para Bezerra (citado por Caldeira, 2009),

“o Material Didático é “todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem.

Os alunos, entrando em contacto com este material, conseguiram assimilar com gosto a matéria introduzida pela primeira – frações.

Segunda-feira, 4 de fevereiro de 2013

Neste dia ocorreu a minha aula programada. Ao longo de 60 minutos dei três áreas, cada área com 20 minutos.

Comecei com a área curricular de Matemática, onde apresentei o tema frações através de um *powerpoint*. Na área de Estudo do Meio falei sobre as partes constituintes da planta, à medida que ia falando sobre cada parte coloquei uma peça de puzzle no quadro. Por fim, em Português, fiz a leitura e interpretação de um texto e introduzi os adjetivos qualificativos.

Inferência e Fundamentação Teórica

As aulas programadas são assistidas pelo professor titular de turma e por uma ou duas Professoras da Equipa de Supervisão. Em meu entender, considero estas aulas importantes para a nossa formação e principalmente para nos prepararem para a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). No decorrer destas aulas, a avaliação não é apenas focada ao nível de conhecimentos científicos mas também da interação com os alunos, duração, materiais utilizados e entre outras coisas. Alarcão e Tavares (2003) mencionam que o “objeto da observação pode recair num ou noutro aspeto: no aluno, no professor, na interação professor/aluno, no ambiente físico da sala de aula, no ambiente sócio-relacional, na utilização de materiais de ensino, nos métodos, nas características dos sujeitos, etc.” (p.86)

Integrei todas as críticas que me foram feitas e numa próxima aula tentarei evitar cair nos mesmos erros.

Terça-feira, 5 de fevereiro de 2013

A professora iniciou esta manhã com a realização de uma proposta de trabalho de Matemática, no intuito de os alunos trabalharem a leitura de números e realizarem as operações.

Depois da proposta de trabalho feita, a professora voltou a distribuir por cada aluno um material não estruturado – *pizza* dividida em quatro partes iguais – para trabalhar as frações.

Na segunda parte da manhã pedimos autorização aos professores para assistir à aula do 2.º A, onde uma das nossas colegas estava a utilizar o 5.º Dom de *Froebel*, material este que é utilizado para trabalhar as frações.

Inferência e Fundamentação Teórica

O 5.º Dom de *Froebel* é um material manipulativo, no qual se consegue abordar inúmeros conceitos matemáticos, nomeadamente as frações. Este material é composto por 21 cubos inteiros, 3 cubos partidos em dois e 3 cubos partidos em quatro.

De acordo com Ruas & Grosso (2002, p.33), “existem outros números para além de números inteiros” e acrescenta que um número racional é o quociente de um número que também se pode representar por uma fração.

As Normas (citadas por Caldeira, 2009) referem a importância da utilização de materiais manipulativos para a construção de conceitos (p. 303). A autora acrescenta que “as crianças com o 5.º Dom de *Froebel*, desenvolvem o sentido de número e facilmente constataam que $\frac{1}{2}$ representa a mesma porção que $\frac{2}{4}$ (...)” e que, por sua vez, são frações equivalentes, pois têm o mesmo valor. (p.303)

Sexta-feira, 8 de fevereiro de 2013

Hoje o dia foi diferente, os alunos vieram mascarados e passaram o tempo a brincar no recreio e no ginásio.

As turmas do 1.º e 2.º anos realizaram um desfile de máscaras. Os professores eram os júris e davam pontos consoante a originalidade das máscaras e a atitude dos alunos a desfilarem.

Quinta-feira, 14 de fevereiro de 2013

A professora iniciou a manhã distribuindo e explicando a proposta de trabalho que os alunos iriam realizar ao longo da primeira parte da manhã. Os alunos realizaram várias operações (adição, subtração, divisão e multiplicação), por cada operação correta, os alunos recebem 5 pontos.

Na segunda parte da manhã, a professora distribuiu o texto “Umás férias de sonho”, os alunos fizeram leitura e interpretação do texto e seguidamente realizaram um exercício ortográfico.

Hoje, alguns alunos do 3.º ano vieram distribuir cartas por causa do dia de São Valentim.

Inferência e Fundamentação Teórica

O professor deve criar estratégias diferentes que motivem os alunos a realizar os trabalhos pretendidos. Como tal, penso que o sistema que a docente criou ao dar pontos na elaboração das operações é uma maneira de as crianças ficarem entusiasmadas com a elaboração das mesmas. “Pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades” (Balancho & Coelho, 1996, p. 17).

Sexta-feira, 15 de fevereiro de 2013

Hoje, tal como ontem, faltaram 9 alunos, pelo que a professora optou por não avançar na matéria. Assim sendo, os restantes alunos realizaram uma proposta de trabalho de Matemática.

Na segunda parte da manhã, os alunos sentaram-se em roda, no chão, e leram o primeiro capítulo do livro *Lisboa – Princesa do Tejo e do Mar*. Em seguida realizaram um exercício ortográfico de uma pequena parte do capítulo e ilustraram o texto.

1.3. 3ª Secção: Semana de estágio intensivo

O estágio intensivo foi realizado no Colégio do Bom Sucesso, situado na freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa.

É um edifício centenário, onde ainda hoje reside a comunidade fundadora da Ordem das Irmãs Dominicanas Irlandesas; considerado Património Nacional, dele se destacam os claustros e a capela.

Segundo o Projeto Educativo de Escola, o colégio é constituído por dois edifícios, existindo uma ligação entre eles através de uma sala polivalente usada em comum pelos três ciclos (1.º, 2.º e 3.º ciclos).

O espaço exterior é amplo, constituído por três campos de jogos para a prática de diversas modalidades desportivas, um bar com esplanada e um jardim/horta.

O espaço interior destinado ao 1.º ciclo do ensino básico é composto por 13 salas de aula; 1 sala de informática; 1 sala de professores com casa de banho; e 10 casas de banho.

O horário de funcionamento do 1.º Ciclo é das 8h45m às 15h45m, os alunos encontram-se no claustro de entrada, juntamente com as professoras titulares e a coordenadora do 1.º ciclo onde fazem uma oração antes de se dirigirem para as suas salas.

O período de estágio intensivo ocorreu entre os dias 25 de fevereiro e 1 de março. É fundamental referir a forma como fui recebida por toda a comunidade

educativa, em especial pela coordenadora do 1.º ciclo, disponibilizando-se a ajudar-me sempre que necessário. Durante esta semana tive a oportunidade de passar por diversas salas (1.º a 4.º ano de escolaridade), onde tive a oportunidade de contactar com diversas turmas e diferentes formas de ensino.

1.4. 4ª Secção: 3º Ano

1.4.1. Caraterização da turma do 3º Ano

A turma do 3.º ano é constituída por vinte e três alunos, sendo 9 do género masculino e 14 do género feminino.

Considero importante referir que a professora titular desta turma é extremamente organizada, e as tarefas da sua responsabilidade estão sempre em dia.

1.4.2. Espaços, rotinas e horários

• Caraterização do Espaço

A sala do 3.º ano é uma sala grande, relativamente às restantes do Jardim Escola, com um formato retangular e nas duas paredes laterais dispõe de várias janelas.

É um espaço preenchido por mesas e cadeiras, que formam os lugares dos alunos. Estas estão viradas para o quadro interativo, e a mesa da professora está situada ao fundo da sala, de frente para as mesas dos alunos. Ao longo do período de estágio a disposição e os lugares dos alunos foram alterados.

É um local de passagem, por se encontrar junto ao ginásio e conter uma porta de acesso ao mesmo.



Figura 10 – Sala do 3.º Ano B



Figura 11 – Sala do 3.º Ano B

• **Rotinas**

As rotinas praticadas por esta turma são idênticas às que são praticadas pelo resto do 1.º ciclo.

Destaco apenas uma rotina desta turma: os alunos arrumam os trabalhos do dia anterior no dossiê, e a professora assinala o comportamento do dia anterior nas folhas de cada aluno.

• **Horários**

Quadro 4 – Horário do 3.º ano B

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 11h00m	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h00m	----- Recreio/Higiene -----				
11h20m 13h00m	Matemática	Português Estudo Acompanhado (12h30/13h)	Matemática	Português	Matemática Estudo Acompanhado (12h30/13h)
13h00m	-----Higiene/Almoço/Recreio -----				
14h30m 15h20m	Estudo do Meio (História de Portugal)	Inglês	Estudo do Meio/ Ensino Experimental das Ciências	Inglês	Estudo do Meio / Área Projeto
15h20m 16h10m	Expressão e Educação Musical	Estudo do Meio/ Ensino Experimental das Ciências	Expressão e Educação Musical (Prof. Paulo)	Expressão e Educação Plástica	Expressão e Educação Físico-motora I
16h30m 17h00m	Estudo do Meio (Clube de Ciências) 16h10/17h	Expressão e Educação Físico- motora II	Estudo do Meio/ Educação Cidadania		Estudo do Meio Educação Cidadania

1.4.3. Relatos diários

Segunda-feira, 4 de março de 2013

Hoje foi o primeiro dia que tive na turma do 3.º ano B. A professora esperou que chegassem todos os alunos para depois eu fazer a minha apresentação, seguida pela dos alunos.

Antes de iniciar a aula, a professora assinala o comportamento dos alunos nas folhas que estão no dossiê de casa. Seguidamente arrumam trabalhos no dossiê da escola.

Posteriormente, a professora introduziu uma nova matéria de Matemática: as potências. A professora entregou uma proposta de trabalho aos alunos; na primeira página tinha apontamentos sobre as potências: os nomes dos constituintes e as suas respetivas funções. Na segunda página tinha vários exercícios.

A professora realiza sempre a avaliação da leitura no princípio de cada mês, e os alunos fazem a sua auto avaliação. Leram e interpretaram o texto “Feira” e fizeram a análise gramatical de algumas palavras do texto. Antes de iniciarem a proposta de trabalho relativa aos verbos transitivos e intransitivos, viram as definições de cada um.

Na segunda parte da manhã fizeram a correção do trabalho de casa de Estudo do Meio e seguidamente fizeram uma ficha do livro de exercícios de Estudo do Meio, de forma a rever a matéria para o teste sumativo.

Inferência e Fundamentação Teórica

Como referi anteriormente, a professora titular da turma B do 3.º ano é muito organizada, o que facilita o decorrer das aulas, transparecendo que as aulas são planificadas de maneira antecipada.

Para Ribeiro e Ribeiro (1990), é fundamental a sequência e desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Assim, a planificação exige que sejam selecionadas “estratégias de ensino que envolvam os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos” (p.433).

Terça-feira, 5 de março de 2013

A primeira parte da manhã foi destinada ao teste sumativo de Estudo do Meio. A professora distribuiu os testes, lendo e esclarecendo as dúvidas que pudessem vir a surgir.

Antes do intervalo, os alunos ouviram uma história, “A vaca da minha vizinha é mais gorda que a minha”, através do site do Plano Nacional de Leitura, para posteriormente responderem às questões de interpretação da proposta de trabalho, já distribuída pela professora.

Na segunda parte da manhã realizaram a proposta de trabalho e o ditado de palavras.

Inferência e Fundamentação Teórica

Considero importante o facto da professora ter optado por transmitir a história de outra maneira, através da audição na internet. É fundamental criar estratégias de ensino. Jesus (2008) menciona que “o professor na sala de aula é um líder, pois

procura influenciar os seus alunos para que estes se interessem pelas aulas, estejam atentos, participem, apresentem comportamentos adequados e obtenham bons resultados escolares.” (p.21)

Sexta-feira, 8 de março de 2013

A professora coloca o comportamento de cada aluno do dia anterior nas folhas, seguidamente faz a correção oral do trabalho de casa de Português.

Os alunos estão dispostos em 4 grupos, um dos alunos fica responsável por distribuir os dossiês da escola pelo seu grupo e outro por recolhê-los, depois de arrumarem os trabalhos do dia anterior.

Seguidamente, os alunos realizam uma quadra para o Dia do Pai e fazem a sua ilustração. Antes de a escreverem, fazem uma gravata em origami seguindo as instruções da professora.

Depois do intervalo da manhã, os alunos realizam uma proposta de trabalho de Matemática. Eu ajudei a professora a realizar alguns trabalhos.

Inferência e Fundamentação Teórica

Com a realização do trabalho para o Dia do Pai pude assistir a uma aula de expressão plástica. Cada criança realizava a sua atividade em sintonia com as instruções da professora titular.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001),

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.
(p.149)

Segunda-feira, 11 de março de 2013

A manhã inicia-se com a correção oral do trabalho de casa de Português. Seguidamente, como tem vindo a ser uma rotina desta turma, a professora coloca o comportamento de sexta-feira na folha de cada aluno, e em seguida arrumam os trabalhos em atraso no dossiê da escola.

A professora fez a leitura modelo do texto *Brincadeiras* e avaliou a leitura de cada aluno. Posteriormente, analisaram gramaticalmente o texto e realizaram uma proposta de trabalho.

Na segunda parte da manhã, a professora realizou várias operações tendo em vista a avaliação.

Inferência e Fundamentação Teórica

A avaliação nesta turma é uma constante. Para Morgado (2004), “a avaliação, através dos diferentes procedimentos e dispositivos que podem ser mobilizados, constituiu-se como o principal instrumento de regulação do trabalho do professor e do trabalho dos alunos.” (pp. 80-81)

A avaliação é uma aliada do professor na construção de um processo ensino-aprendizagem eficaz, na medida em que lhe facilita a obtenção de um *feedback* do seu trabalho por parte dos alunos.

Terça-feira, 12 de março de 2013

Hoje foi dia de escola com pais, a professora deu as boas vindas aos pais e explicou que ia ser um dia normal, mas em vez de terem momentos de escrita individual, a participação dos alunos iria ser mais oral do que é hábito.

A professora iniciou a manhã com a área curricular de Português com a leitura e interpretação do texto: *Farinha para elefantes*. Alguns alunos procuram no dicionário palavras cujo significado desconhecem.

A análise gramatical foi feita de maneira diferente: a professora tinha uma caixa com várias bolas de plástico, cada uma das quais continha um papel com um número. A esse número correspondia uma pergunta de análise gramatical referente ao texto. No fim de todos os alunos terem participado, dois pais participaram e responderam às perguntas feitas pela professora.

Na segunda parte da manhã, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Matemática conduzida pela professora, de modo que todos acompanhassem ao mesmo tempo. No final os pais ajudaram os filhos a desenhar uma rosácea.

Inferência e Fundamentação Teórica

Este foi um dia dedicado aos pais. Quer isto dizer que os encarregados de educação desta turma estiveram presentes na escola durante a manhã e presenciaram o dia de atividades dos seus filhos, participando nas mesmas.

Sendo nova nesta instituição, pude assistir pela primeira vez ao facto de os encarregados de educação participarem nas atividades dos seus educandos.

Ao proporcionar este tipo de momentos, a professora e a escola estão a fortalecer os laços entre a família e a escola.

São já conhecidas muitas das vantagens de uma boa ligação família-escola. Este tipo de atividades ajuda a fortalecer essa relação que “não traz só benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos. Aumenta a motivação dos alunos pelo estudo.” Por outro lado, “ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores

(...) ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis (...) estimula os professores a serem melhores professores.” (Marques, 2001b, p. 20)

Sexta-feira, 15 de março de 2013

Apesar de hoje ser o último dia de aulas do segundo período, a manhã decorreu de forma habitual; arrumaram os trabalhos do dia anterior nos dossiês individuais de sala e a professora colocou o comportamento respetivo ao dia anterior.

Seguidamente, cada um dos alunos elaborou uma banda desenhada com o intuito de fazer um final para a história que tinham trabalhado no dia anterior, “O navio abandonado”. À medida que iam terminando, os alunos realizaram uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais: classificar palavras quanto à sua fonética e grafia.

Na segunda parte da manhã, realizaram um exercício ortográfico e uma proposta de trabalho de Matemática: leitura de números por ordens e classes.

Eu e a minha colega de estágio ajudámos a organizar as avaliações dos alunos por ordem alfabética e os trabalhos para o Dia do Pai, para serem entregues aos pais no final do dia.

Inferência e Fundamentação Teórica

O facto de a docente ter solicitado aos alunos um final para o texto narrativo que tinham lido no dia anterior em banda desenhada, pressupõe que as crianças sejam criativas e capazes de “detetar traços característicos de diferentes tipos de textos ou sequências textuais” (ME, 2009, p.85), de forma a poder aplicá-los na resolução do exercício.

Terça-feira, 2 de abril de 2013

Este foi o primeiro dia de aulas depois das férias da Páscoa, início do terceiro período.

A professora iniciou a manhã por fazer a marcação dos testes que irão decorrer ao longo do período e, seguidamente, procedeu à correção dos trabalhos que os alunos realizaram na época de férias.

Seguiu-se a aula de Matemática, com a realização do teste “Canguru Matemático” de 2012, como forma de preparar os alunos para o concurso que se irá realizar na próxima quinta-feira, dia 4 de abril.

No final da manhã, os alunos leram um texto de Manuel António Pina e a professora procedeu à avaliação da leitura. Fez o registo em grelhas apropriadas,

enquanto os alunos liam. No fim, por ser início do mês, os alunos fizeram a sua autoavaliação.

Posteriormente, realizaram uma proposta de trabalho relacionada com o mesmo texto, com exercícios de interpretação e análise gramatical.

Inferência e Fundamentação Teórica

O concurso “Canguru Matemático” contribui para a popularização e promoção da Matemática nas crianças. Segundo informações tiradas na internet, este concurso tem como principais objetivos:

- Estimular o gosto e o estudo pela Matemática.
- Atrair os alunos que têm receio da disciplina da Matemática, permitindo que estes descubram o lado lúdico da disciplina.
- Tentar que os alunos se divirtam a resolver questões Matemáticas e percebam que conseguir resolver os problemas propostos é uma conquista pessoal muito recompensadora.
- Aumentar todos os anos o número de participantes no concurso a nível nacional e tentar atingir as cotas de participação de outros países.

Sexta-feira, 5 de abril de 2013

No início da manhã, os alunos fizeram oralmente a correção do trabalho de casa de Português. Seguidamente, ainda na mesma área curricular, realizaram uma proposta de trabalho que continha três exercícios. O primeiro consistia em criar um abecedário dos afetos, ou seja, com a ajuda do dicionário, procuravam palavras com as iniciais pedidas; essas palavras representavam um afeto. No segundo exercício, os alunos tinham que escolher seis palavras e que construir frases com as mesmas. Por fim, no terceiro exercício, os alunos fizeram a ilustração da frase de que mais gostaram.

Após o intervalo trabalharam com o material estruturado *Cuisenaire*, fazendo uma pequena revisão sobre o perímetro e a área, para posteriormente iniciarem o tema sobre o volume do cubo, e representaram várias potências com o material.

Terminaram a manhã com a realização de uma proposta de trabalho de Matemática sobre potências.

Inferência e Fundamentação Teórica

É importante que o professor diversifique as estratégias para os alunos realizarem as expressões escritas, de forma que estes fiquem aptos a escrever de uma forma variada e através do uso do dicionário aumentem o seu vocabulário escrito e oral.

Para isso, é necessário que os alunos entendam perfeitamente o que lhes é solicitado, tendo o professor que dar indicações claras sobre o pretendido. Tal como aconselha Contente (1995), “dar uma indicação ao aluno do que lhe é exigido é uma metodologia fundamental que o professor deve ter sempre presente para a exigência que ele vai ter na avaliação que efectuar às actividades elaboradas pelos alunos.” (p. 44)

Com a aula de Matemática, pude comprovar mais uma vez que os materiais manipulativos despertam interesse nos alunos, facilitando a sua adesão às actividades e à compreensão de matérias novas.

O material *Cuisenaire* permite que os alunos aprofundem temas como o perímetro, a noção de área, a noção de volume, entre outros.

Segunda-feira, 8 de abril de 2013

A professora iniciou a manhã de aulas com a correção do trabalho de casa de Português.

Depois, os alunos fizeram a leitura e interpretação do apontamento sobre D. Afonso III e realizaram uma proposta de trabalho, tendo por base o mesmo, que continha exercícios de análise gramatical e um exercício ortográfico. Ainda sobre o mesmo tema, realizaram um crucigrama, fazendo este parte da área curricular de Estudo do Meio – História de Portugal.

Após o intervalo, alguns alunos fizeram a apresentação de um trabalho sobre plantas, que realizaram em TIC.

Posteriormente, realizaram uma proposta de trabalho de Matemática sobre o volume do cubo.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia realço o facto de a professora ter tido que reestruturar a planificação da semana, visto que hoje a minha colega de estágio iria lecionar a manhã de aulas e por motivos pessoais não pôde comparecer ao estágio.

A meu ver, um bom professor tem que estar apto para que surjam imprevistos e, como tal, deve atuar como se nada tivesse acontecido.

Terça-feira, 9 de abril de 2013

A professora iniciou a manhã fazendo a correção oral do trabalho de casa de Matemática.

Seguidamente, fez a chamada oral da tabuada e preencheu em grelhas de avaliação a prestação de cada aluno.

Ainda na primeira parte da manhã, os alunos utilizaram o material estruturado, V Dom de *Froebel*, onde a professora criou uma situação problemática com D. Afonso III e o seu irmão D. Sancho II e, a partir desta, fizeram 2 construções: o poço e o sofá.

Depois do intervalo, realizaram uma expressão escrita.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia destaco a interdisciplinaridade que houve na aula de Matemática com as outras áreas curriculares, nomeadamente com História de Portugal.

De acordo com Fourez, Maingain & Dufour (2008, p. 25), “a interdisciplinaridade é utilizada para abarcar uma gama de práticas, na realidade, diferenciadas. Têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares.” Assim, acaba por se verificar uma articulação das várias áreas curriculares, em vez de se focar apenas uma.

Terça-feira, 16 de abril de 2013

Hoje a manhã de aulas foi dada por mim. Comecei por estabelecer/relembrar as regras da sala de aula e depois realizei a leitura modelo do texto “As Estrelas”; em seguida todos os alunos o leram em voz alta, e fizemos a interpretação e a análise gramatical de algumas palavras do texto.

O tema da aula de Português era sobre as noções de frases simples e complexas. Através da apresentação de um *powerpoint*, comecei por mostrar duas frases, uma frase simples e outra complexa, e pedi aos alunos para identificarem as suas diferenças e a partir daí apresentar o tema já referido anteriormente. Para consolidar esta matéria, realizei um jogo em que os alunos tinham que identificar frases como frases simples ou complexas e que transformar 2 frases simples numa complexa e uma frase complexa em 2 simples.

Na área curricular de Matemática introduzi as medidas de volume através da apresentação de um *powerpoint* e com a realização de uma proposta de trabalho.

Na segunda parte da manhã, o tema proposto pela professora foi o Sistema Solar, em que mencionei a diferença entre estrela e planeta, como é constituído o sistema solar e ainda algumas características dos vários planetas que o compõem.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia, pude comprovar como esta turma é muito participativa e se interessa pelo conhecimento do mundo, nomeadamente na aula de Estudo do Meio, sendo esta uma área em que os alunos aprendem uma diversidade de conteúdos e da qual, regra geral, gostam bastante.

Quando os alunos iniciam um tema de Estudo do Meio, há que ter em conta que já trazem inúmeros conhecimentos acerca do mesmo. Importa que o professor se preocupe em alargá-los.

Borràs (2001a) sugere que “as crianças chegam à escola com um determinado nível de conhecimentos, adquiridos através da própria experiência... o meio social não lhes é desconhecido, apenas é necessário que lhes abramos novas fronteiras.” (p. 395)

Sexta-feira, 19 de abril de 2013

Inicialmente, a professora fez a correção oral do trabalho de casa de português, e os alunos, se fosse caso disso, deveriam fazer a respetiva correção no livro.

O resto da manhã foi dedicado à área curricular de Matemática, com a realização de uma proposta de trabalho que continha exercícios sobre potências, perímetros, áreas e volumes.

Na segunda parte da manhã fizeram a leitura do texto “Das estrelas” em silêncio e depois em voz alta, seguidamente interpretaram o texto e analisaram-no gramaticalmente e, no fim, realizaram o exercício ortográfico.

Inferência e Fundamentação Teórica

Conforme se pode comprovar ao longo dos relatos diários, depois da leitura do texto a professora faz sempre a interpretação com os alunos.

Segundo Sim-Sim (2007, p.12), “ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto”, o que é reforçado por Lopes (2006, p.66) que defende a mesma ideia, salientando que o ato de ler deverá ser “entendido não só como uma forma de dominar a técnica de leitura, mas principalmente como um apelo ao interesse pelo saber e pela capacidade de aceder à informação.”

Sim-Sim (2007, p.7) reforça que:

“por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto. Tal como na compreensão do oral, o importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultante do nível da compreensão e da interação do leitor com o texto.” (p.7)

Terça-feira, 23 de abril de 2013

A primeira parte da manhã foi destinada à realização de uma ficha formativa de Português.

Depois do recreio realizaram uma proposta de trabalho de Matemática sobre as unidades de volume e elaboraram um crucigrama sobre D. Afonso IV.

Inferência e Fundamentação Teórica

As fichas de avaliação formativa são instrumentos importantes para o professor. Segundo Pereira (2002, p.115), este tipo de avaliação “é essencial para o professor determinar a cada momento como prosseguir”. Ao realizar esta atividade, o professor toma consciência da aprendizagem dos alunos, sabendo melhor como preparar os próximos conteúdos, e se deverá adotar ou não outras estratégias.

Sexta-feira, 26 de abril de 2013

Visto ter sido ontem feriado nacional, hoje a manhã de aulas foi diferente, as professoras das várias turmas organizaram-se e fizeram *Roulement*.

As duas turmas do 3.º ano juntaram-se na sala da turma B, pois muitos alunos faltaram e uma das professoras também.

A professora deu início à aula falando sobre o dia de ontem, e depois os alunos fizeram um desenho sobre o 25 de Abril de 1974.

Ainda na primeira parte da manhã, as estagiárias do 3.º ano A realizaram um jogo de estafetas no recreio.

Na segunda parte da manhã, eu e a minha colega apresentámos um *powerpoint* em que abordámos o tema acima referido.

Segunda-feira, 3 de junho de 2013

Apesar de não ter estágio à tarde, neste dia e nos próximos relatos desta secção vou ter que ficar na escola a compensar três dias (12 horas) em que faltei por motivos de doença.

Durante a tarde os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Matemática, com várias situações problemáticas que envolviam expressões numéricas. A correção das mesmas foi feita no quadro.

Seguidamente, em História de Portugal fizeram revisões para a Ficha de Avaliação através da resposta por escrito a um questionário.

Antes de terminar o dia de aulas, os alunos que trouxeram *Magalhães* trabalharam livremente no mesmo, visto estarem em época de testes; os outros continuaram a responder ao questionário.

Inferência e Fundamentação Teórica

Hoje foi a primeira vez que pude assistir a uma aula de TIC; apesar de os alunos terem trabalhado de forma livre e individual, as aulas de Informática fazem com que as crianças tomem contacto com uma ferramenta que no futuro lhes será útil. Botelho (2009) refere que “a interacção com os computadores estimula a comunicação verbal e a colaboração entre as crianças” (p.115). A tecnologia é o futuro e, hoje em dia, cada vez mais cedo existe a necessidade de as crianças aprenderem a utilizar um computador, pois acaba por ser uma necessidade da nossa sociedade.

Terça-feira, 4 de junho de 2013

No início da tarde, os alunos tiveram aula de Inglês: acabaram de ver um filme e depois realizaram exercícios de revisão para o teste que terá lugar na quinta-feira, dia 6 de junho.

Com a professora titular realizaram um exercício ortográfico referente à visita de estudo ao Planetário, que decorreu de manhã, e fizeram a ilustração do mesmo.

Ainda antes de terminar o dia de aulas, os alunos dirigiram-se ao ginásio e tiveram uma aula de educação física.

Inferência e Fundamentação Teórica

Hoje, durante a tarde, assisti a uma aula de Inglês. Neste dia fiquei impressionada com o comportamento que os alunos do 3.º ano da turma B têm com a professora de Inglês e com a incapacidade que esta tem de impor as regras e a ordem na sala de aula.

Segundo Maya (2000):

A autoridade real do professor tem por base a relação que ele estabelece com os seus alunos e que é reconhecida por estes [...] o professor deve ser um exemplo, constituindo-se como referente do bem e do mal dentro da aula. Há professores que chamam a atenção para o não permitir abusos e para a necessidade de ter consciência dos limites da sua autoridade na hierarquia de que fazem parte. (p. 130)

Quarta-feira, 5 de junho de 2013

A professora deu início à tarde de aulas com a área curricular de Português: fez a leitura modelo de um texto, e depois todos os alunos leram em voz alta. Posteriormente, fez a sua interpretação e um exercício ortográfico. Os alunos realizaram, individualmente, uma expressão escrita, com o intuito de escrever um poema dedicando-o a um profissional.

Em seguida, tiveram aula de Música com o professor específico desta unidade não curricular.

Antes de terminar o dia de aulas, a professora titular voltou a fazer revisões para o teste de História de Portugal que se irá realizar amanhã.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia gostaria de reforçar a ideia de que a Música é muito importante para o desenvolvimento da criança, tal como sustenta Cordeiro (2010):

Parece provado que o estudo da música permite às crianças adquirir conhecimentos e modelar competências e atitudes que permanecem durante toda a vida, influenciando também outras áreas do conhecimento e do comportamento. Por outro lado, a aprendizagem e a prática da música estimula a coordenação, a objectivação, a capacidade de concentração, e também a de cooperar com os outros e produzir algo para prazer do próprio e dos que o rodeiam.

Finalmente, é sabido que tudo em nós é musical, melódico, e que os ritmos e sons podem fazer a diferença entre o bem-estar e a angústia, a segurança e o abandono. (p.419)

A expressão musical aparece no currículo como uma área curricular não disciplinar, mas deve ser frequentada por todas as crianças, contribuindo assim para um crescimento mais harmonioso e pleno.

Sexta-feira, 7 de junho de 2013

Hoje os alunos das duas turmas do 3.º ano dirigiram-se ao INATEL onde passaram a tarde a fazer desporto (atletismo e futebol) competindo com os 3.º anos do jardim-escola dos Olivais.

Inferência e Fundamentação Teórica

A educação física deve estar presente na vida de cada ser humano, inclusivamente nas crianças, pois é importante criar o gosto pelo desporto durante a infância.

Jensen (2002) refere que “a maior parte das crianças aprecia os jogos de recreio por uma razão: as experiências sensoriais motoras são enviadas diretamente para os centros de prazer do cérebro” (p.133).

De acordo com o mesmo autor, existem “fortes ligações entre cérebro e memória, percepção espacial, linguagem, atenção, emoções, sinais não-verbais e até mesmo a tomada de decisões. Estas descobertas implicam fortemente o valor da educação física, do momento e dos jogos no incentivo à cognição” (p.128).

Segunda-feira, 11 de junho de 2013

Hoje, conforme descrito no horário, os alunos tiveram uma hora e meia de Inglês durante a tarde.

Inferência e Fundamentação Teórica

Só assisti à aula de Inglês visto ser o tempo que me faltava compensar.

1.5. 5ª Secção: 4º Ano

1.5.1. Caracterização da turma do 4º Ano

A turma A do 4.º ano de escolaridade é composta por 21 alunos, dos quais 10 são do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

A turma mostra interesse e motivação pelas diversas aprendizagens escolares, embora alguns alunos demonstrem algumas dificuldades de aprendizagem, havendo 3 alunos de apoio individualizado.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola, verificando-se uma grande cumplicidade e amizade entre os alunos.

1.5.2. Espaços, rotinas e horários

• Caracterização do Espaço

O espaço onde esta turma realiza a maioria das suas atividades é uma sala de formato retangular, que dispõe de várias janelas.

A sala é preenchida por mesas e cadeiras, onde se colocam diariamente os alunos, cuja distribuição se foi alterando ao longo do meu período de estágio.

A secretária do professor encontra-se numa das laterais da sala, junto das mesas dos alunos. Os alunos estão sentados de lado para o docente e de frente para o quadro interativo.



Figura 12 – Sala do 4.º Ano B



Figura 13 – Sala do 4.º Ano B

- **Rotinas**

As rotinas praticadas por esta turma são idênticas às praticadas por todas as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo apenas um horário diferente

- **Horários**

Quadro 5 – Horário do 4.º ano B

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h00m 11h00m	Português Estudo acompanhado	Matemática Estudo acompanhado	Português	Matemática	Português
11h00m	----- Recreio/Higiene -----				
11h20m 13h00m	Matemática	Português Estudo do Meio	Matemática	Português	Matemática
13h00m	-----Higiene/Almoço/Recreio -----				
14h30m 15h20m	Estudo do Meio (Clube de Ciências)	Estudo do Meio	Expressão e Educação Físico-motora	Estudo do Meio Edu. Cidadania	Inglês
15h20m 16h10m	Inglês	Expressão e Educação Musical II Orquestra (quinzenal)	Estudo do Meio Ed Cidadania	Estudo do Meio Área de Projeto	Expressão e Educação Plástica
16h10m 17h00m	Ed. Física II	Expressão e Educação Musical	Estudo do Meio (História de Portugal)	Estudo do Meio	

1.5.3. Relatos diários

Segunda-feira, 29 de abril de 2013

Esta foi a primeira manhã de estágio na turma B do 4.º ano de escolaridade.

Os alunos começaram por arrumar propostas de trabalho da semana anterior no dossiê da escola e, à medida que o professor cooperante as ia distribuindo, os alunos falam do seu fim de semana.

Seguidamente, a minha colega e eu apresentámo-nos, bem como os alunos e professor.

Os alunos realizaram autonomamente uma Prova de Aferição de Matemática do ano anterior como preparação para o exame nacional, que se irá realizar no dia 10 de maio.

Após o intervalo, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Português, e o professor fez a sua correção no quadro.

No fim da manhã, o professor fez a leitura modelo de um texto e seguidamente procedeu à avaliação da leitura de todos os alunos.

Inferência e Fundamentação Teórica

Como já referi, este foi o primeiro dia em que estivemos na sala do 4.º ano B: começámos por nos apresentar à turma e o mesmo fizeram os alunos e o professor. Fomos muito bem recebidas por todos, e o último disponibilizou-se para nos ajudar sempre que fosse preciso.

Este é o primeiro ano em que os 4.º anos do 1.º ciclo do ensino básico vão realizar exames nacionais de Português e de Matemática e, como tal, os alunos têm vindo a preparar-se, realizando as provas de aferição dos anos anteriores. Os exames nacionais são instrumentos de avaliação sumativa externa, que visam certificar a aprendizagem realizada pelos alunos no final do referido ciclo de estudos.

Terça-feira, 30 de abril de 2013

Hoje a primeira parte da manhã foi dedicada à área curricular da Matemática, começando por fazer a correção de uma proposta de trabalho realizada numa aula anterior. E, seguidamente, elaboraram outra proposta sobre frequências absolutas e relativas, fazendo a correção da mesma no quadro; sempre que surgiam dúvidas, eu, a minha colega ou o professor tirávamo-las. À medida que iam acabando, os alunos completaram o cartão do Dia da Mãe, pintando-o e escrevendo uma dedicatória.

Na segunda parte da manhã, leram um texto, primeiro em silêncio, interpretando-o autónoma e individualmente. Em seguida, todos os alunos leram em voz alta o texto, fazendo a correção oral da sua interpretação.

Inferência e Fundamentação Teórica

A preparação da leitura por parte das crianças é fundamental, sendo extremamente necessário que os alunos compreendam o que estão a ler e, caso surja algum vocabulário que desconheçam, tenham a oportunidade de consultar um dicionário.

De acordo com Ruivo (2009), “saber ler é muito mais que ler livros, é saber usar a informação neles contida para se afirmar em plenitude a nossa cidadania” (p.84). Sim-Sim (2006) afirma que “ler com fluência implica possuir uma rápida

capacidade de descodificação e um domínio das estruturas semântico-sintáticas que possibilitem a compreensão do texto escrito” (p.17).

Sexta-feira, 3 de maio de 2013

Hoje os alunos do 4.º ano tiveram uma visita de estudo ao *Badoca Safari Park*, por isso fui assistir à aula do 3.º ano B, da parte da manhã.

A professora deu início à aula com a entrega, a cada criança, de um questionário sobre a respiração das plantas e, à medida que a professora ia lendo as perguntas, os alunos respondiam na respetiva folha. Para poderem comprovar os seus resultados, dirigiram-se à horta da escola, e a professora colocou um saco de plástico preto por cima de uma alface.

Em seguida, os alunos do 3.º ano das turmas A e B participaram numa atividade com a EMEL: cada grupo de 8 alunos, acompanhado de um fiscal, ficou responsável por passar multas fictícias sempre que observava alguma infração; a cada grupo foi atribuída uma rua de Alvalade.

No final da manhã, os alunos realizaram um exercício ortográfico e fizeram a correção da primeira parte da ficha formativa de Matemática.

Inferência e Fundamentação Teórica

Os alunos ficaram muito entusiasmados com a atividade que realizaram com os fiscais da EMEL, fora da escola. Além de se divertirem, aprenderam muitas regras de estacionamento, quando podem ou não estacionar. O entusiasmo era tal que queriam passar multas e explicar às pessoas o porquê de estarem mal estacionadas.

Segundo Almeida (1997, p. 19), as visitas de estudo “têm sido consideradas actividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem [...]” e são referidas como actividades “promotoras do desenvolvimento integral do aluno [...]”

Ainda sobre este tipo de atividades, Cordeiro (2009, p. 500) sustenta que “As competências sociais que devem ser ensinadas na escola – muito mais do que a simples aprendizagem da escrita, da leitura e da aritmética –, têm de incluir saídas para o mundo real [...]. As visitas de estudo e passeios são fundamentais.”

Segunda-feira, 6 de maio de 2013

Antes de dar início às atividades, o professor pediu a cada aluno para falar acerca do seu fim de semana, mencionando aspetos positivos e negativos, caso tivessem existido.

Em seguida estive numa aula surpresa assistida por uma professora supervisora da prática pedagógica no 1.º ano da turma A; a aula consistiu na leitura de um conto “História de uma Nuvem”, de António Torrado, e depois os alunos tinham que detetar erros na frase – “Caça ao erro”.

Ainda na primeira parte da manhã, fui surpreendida, pela primeira vez, por uma professora da prática pedagógica que me pediu para realizar a leitura modelo, a interpretação e a análise morfosintática de uma frase, bem como a análise das funções sintáticas da mesma.

Seguiu-se uma reunião para apreciação de todas as aulas surpresa realizadas durante a primeira parte da manhã.

Inferência e Fundamentação Teórica

Hoje, gostaria de referir o conceito “aula surpresa”. “Aula surpresa” assenta numa proposta de aula que as orientadoras de Prática Profissional nos fazem. A mesma inclui tema ou conteúdo programático, limite de tempo e sugestão ou não de material. Nós, estagiárias, não recebemos aviso prévio da mesma, daí o nome “surpresa”. Ferro (1994, p. 34) acrescenta ainda que “este métodos e outros semelhantes consistem em fazer representar de improviso uma situação previamente descrita, dando aos participantes determinados papéis”.

Terça-feira, 7 de maio de 2013

Hoje os alunos do 4.º ano realizaram o exame nacional de Português, por isso o professor cooperante sugeriu-nos, a mim e à minha colega, que fossemos assistir a uma manhã de aulas de outro ano de escolaridade.

Assistimos à manhã de aulas do 1.º ano da turma B. A professora iniciou a manhã com a área curricular de Matemática, em que utilizou um material alternativo - as palhinhas - para introduzir a tabuada do 7. Inicialmente os alunos retiraram da caixa 7 palhinhas (3 amarelas, 2 encarnadas e 2 às riscas), e a professora criou algumas situações que envolviam a contagem das mesmas. Em seguida pediu aos alunos para formarem grupos de 7 palhinhas de diferentes formas, de modo que a sua soma desse sempre 7. Logo a seguir introduziu a tabuada do 7.

Ainda na primeira parte da manhã, os alunos realizaram uma proposta de trabalho que envolvia a tabuada do 7 em situações problemáticas.

Na segunda parte da manhã, os alunos leram o texto, primeiramente em silêncio e depois em voz alta. Fizeram a interpretação e a análise gramatical de algumas palavras.

Posteriormente, a professora escreveu algumas palavras do texto no quadro e os alunos observaram-nas; em seguida alguns alunos soletraram essas palavras. Sempre que respondiam corretamente, as equipas em que cada um estava inserido ganhava pontos (a turma estava dividida em 2 grupos – a fila da janela e a fila da porta).

Antes do almoço realizaram um exercício ortográfico.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia, gostaria de realçar a mudança notória da turma do 1.º ano relativamente ao início do ano letivo: comprovei que existe uma maior autonomia da turma em geral.

Felman (1999) sugere que “as crianças desenvolvem independência e autonomia, se a exploração e a liberdade forem encorajadas, ou experimentam vergonha, dúvida e infelicidade, se forem superprotegidas e restringidas.” (p. 422).

Cabe ao professor dar aos alunos a possibilidade de exercerem tarefas que os tornem seres mais responsáveis.

Sexta-feira, 10 de maio de 2013

Hoje os alunos do 4.º ano realizaram o exame nacional da área curricular de Matemática e, tal como no relato anterior, a minha colega e eu assistimos à manhã de aulas do 1.º ano B.

A primeira parte da manhã foi dada por duas colegas de outro Mestrado: a aula consistiu em confeccionar biscoitos de manteiga.

Na segunda parte da manhã, a professora cooperante trabalhou com o IV e V Dons de *Froebel*, realizando a construção da mobília da sala e criando uma situação problemática relacionada com a aula dada pelas estagiárias.

Inferência e Fundamentação Teórica

Durante a atividade das minhas colegas, a turma de uma forma geral não respeitou as regras da sala de aula e teve comportamentos inadequados.

A indisciplina é uma problemática que cada vez mais preocupa não só os professores como também parte da sociedade. Para se viver em sociedade é necessário o cumprimento de regras, capazes de encaminhar relações, de possibilitar o diálogo, a socialização e o relacionamento entre grupos sociais. Neste sentido, penso que as minhas colegas deviam estabelecer regras claras no decorrer da atividade.

Como referem Caritas & Fernandes (1997), a indisciplina não pode ser vista como existindo em si mesma, como sendo uma qualidade inerente ao comportamento, mas deverá ser analisada e compreendida no contexto da relação em que a situação de indisciplina acontece (p.17).

Segunda-feira, 13 de maio de 2013

O professor iniciou a manhã com a correção de uma proposta de Matemática realizada na semana anterior.

Hoje fui assistir a uma aula surpresa de uma colega que está no 4.º ano A: a aula consistiu em trabalhar o volume com o *Cuisenaire*.

Em seguida houve uma reunião com as professoras da prática pedagógica para debater os aspetos positivos e negativos das aulas observadas na primeira parte da manhã.

Na segunda parte da manhã, o professor trabalhou com os Calculadores Multibásicos e fez a leitura de números até ao bilião.

Inferência e Fundamentação Teórica

As reuniões com as professoras da prática pedagógica são uma mais valia, na medida em que nos permitem reconhecer as nossas falhas e ouvir a opinião de professores mais experientes, que nos ajudam a perceber onde se centram os nossos erros, para que os possamos ultrapassar.

Terça-feira, 14 de maio de 2013

A primeira parte da manhã foi dedicada à área curricular de Português, através da leitura e interpretação do texto “Manelinho Caixadóculos”. Depois os alunos realizaram um exercício caligráfico e fizeram a análise gramatical do texto por escrito.

Após o intervalo, trabalharam com o V Dom de *Froebel* e realizaram, pela primeira vez, a construção do castelo. O professor elaborou várias situações problemáticas apelando ao cálculo mental dos alunos. No fim realizaram uma proposta de trabalho.

Inferência e Fundamentação Teórica

Ao trabalhar com o material manipulativo V Dom de *Froebel* o professor cria situações problemáticas à volta da construção feita, levando os alunos a desenvolver o cálculo mental. Segundo o Ministério da Educação (2002):

importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outras

crianças, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão. (p. 78)

Sexta-feira, 17 de maio de 2013

O professor titular deu início à manhã com a realização de uma proposta de trabalho sobre gramática (conjugação verbal e análise morfosintática). Em seguida fizeram um ditado e corrigiram os seus erros.

Na segunda parte da manhã, antes de o professor do Clube de Ciências chegar, resolveram uma situação problemática.

Na aula de Clube de Ciências, o professor concluiu a aula anterior com a apresentação de um *powerpoint* sobre as fases da lua, marés, eclipse solar e sistema solar.

Inferência e Fundamentação Teórica

Borràs (2001a, p.308) acredita que “nas áreas de ciências sociais, ciências naturais e educação visual, o diapositivo pode ser uma ferramenta didáctica de primeira grandeza.” O mesmo autor sugere, referindo-se ao uso de diapositivos, “a sua utilização é ideal para conhecer realidades e experiências a que o aluno tem acesso difícil.” (Borràs, 2001a, p.308)

A apresentação de diapositivos permite também controlar o ritmo da aula, fazendo com que o professor tenha a possibilidade de acompanhar os alunos de acordo com as suas necessidades. É uma boa ferramenta, principalmente na apresentação de imagens reais.

Segunda-feira, 20 de maio de 2013

Nesta manhã fiquei responsável pelas atividades da turma.

Iniciei com a leitura, interpretação e análise gramatical do texto “D. Pedro IV – O rei soldado” de Ana Oom, e depois apresentei o tema proposto pelo professor titular – participio passado – através de um *powerpoint*.

Seguiu-se a aula de História de Portugal que tinha como objetivo apresentar D. Pedro IV e o seu reinado. Para isso apresentei um *powerpoint*, e, à medida que o ia mostrando, os alunos iam participando através do diálogo. Entreguei uma ficha informativa sobre o tema em estudo e pedi para alguns alunos a lerem em voz alta para depois realizarem um crucigrama sobre o rei estudado.

Na segunda parte da manhã teve lugar a aula de Matemática, para a qual apresentei um mapa do metropolitano de Lisboa no quadro interativo, um mapa com as ruas da freguesia de Alvalade e a planta de uma casa. Depois de abordar o tema

que se relacionava com a interpretação e análise de mapas e plantas, propus algumas situações problemáticas através de uma proposta de trabalho, cuja correção foi feita pelos alunos, no quadro.

Inferência e Fundamentação Teórica

Após a reunião com o professor titular da turma do 4.º ano sobre o desempenho da minha aula, percebi que um dos pontos fracos desta foi não ter ocorrido interdisciplinaridade. Deveria ter começado com a área curricular de Estudo do Meio, seguindo para Português e acabando com Matemática, tendo sempre presente a personagem – D. Pedro IV – em todas as áreas.

Fourez, Maingain e Durfour (2008, p. 25) consideram que a “interdisciplinaridade é utilizada para abarcar uma gama de práticas, na realidade, diferenciadas. Têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares”.

Este conceito prende-se com a possibilidade de relacionar e interligar temáticas. Os mesmos autores acrescentam que este “se baseia no pressuposto que certas situações não podem ser dominadas no quadro de um paradigma particular e exigem a articulação de diferentes contribuições disciplinares”. (p. 52)

Terça-feira, 21 de maio de 2013

Esta manhã a minha colega ficou responsável pelas atividades desta turma.

Iniciou com a leitura, interpretação e análise gramatical do texto, e depois apresentou a voz ativa e a voz passiva, através de um *powerpoint*.

Posteriormente, a pedido do professor titular, utilizou o V Dom de Froebel e realizou várias situações problemáticas com a intenção de apelar ao cálculo mental.

Na segunda parte da manhã, a estagiária dividiu a turma em 4 grupos e realizou uma experiência sobre a flutuação de um ovo em água doce e em água salgada.

Inferência e Fundamentação Teórica

Para que a manhã de aulas tivesse corrido da melhor maneira, a minha colega deveria ter gerido melhor o tempo.

Em relação à experiência apresentada pela colega de estágio, Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006) relatam que:

através de actividades experimentais, os alunos, (...) têm oportunidade de manusear materiais e equipamento laboratorial para a observação de determinados fenómenos. (...) Tendo casa actividade experimental os seus

objectivos, cabe ao professor optar por aquela que melhor se adapte aos seus propósitos, considerando o nível de ensinios dos seus alunos. (p. 61)

Os autores (p. 61) anteriormente referidos pensam que estas atividades experimentais “podem ser concebidas desde actividades extremamente simples, que promovam nos alunos a curiosidade sobre o mundo natural e um certo interesse e admiração pela ciência, a actividades do tipo investigativo, que envolvam competências mais complexas”. Neste caso, a minha colega optou por uma mais simples, que só durou meia hora, mas utilizou os conhecimentos das crianças e as respetivas vivências.

Sexta-feira, 24 de maio de 2013

Esta manhã o professor lembrou o que eram números complexos e introduziu os números incomplexos. Posteriormente, os alunos realizaram uma proposta de trabalho alusiva ao tema acima referido.

Depois do intervalo, antes de o professor do Clube de Ciências iniciar a aula, os alunos fizeram a correção e concluíram alguns trabalhos de Português que estavam pendentes.

Durante a aula de Ciências, eu e a minha colega tivemos uma pequena reunião com o professor cooperante sobre a prestação das aulas dadas durante esta semana.

Segunda-feira, 27 de maio de 2013

Esta manhã destinou-se à realização de uma ficha de avaliação de Português.

Na segunda parte da manhã, os alunos realizaram alguns exercícios de Matemática de forma a rever os conteúdos dados ao longo do período.

Inferência e Fundamentação Teórica

Com o fim do 3.º período, surgem os testes escritos para a avaliação de conhecimentos dos alunos.

Uma grande parte dos alunos não terminou o teste no tempo estipulado, pelo que o professor deu mais algum tempo para o fazerem.

O professor deve ter em atenção o ritmo dos alunos e adequar as provas ao tempo estipulado. Estanqueiro (2010) defende que a “prova deve ser adequada ao tempo concedido para a sua realização. Todos os alunos precisam de tempo suficiente para ler o enunciado pensar, responder e rever as suas respostas.” (p.94)

Terça-feira, 28 de maio de 2013

Ao longo da primeira parte da manhã, os alunos realizaram exercícios de Matemática, que visavam rever conteúdos para a ficha de avaliação dessa área, a acontecer no dia seguinte.

Na segunda parte da manhã, o professor fez a leitura modelo e em seguida todos os alunos leram em voz alta. Antes de iniciarem a leitura, colocaram a acentuação em falta, e um aluno fez a correção no quadro interativo. Depois realizaram um exercício ortográfico e fizeram a correção dos seus próprios erros de forma autónoma.

Ainda antes do almoço, realizaram um exercício que consistia em procurar no dicionário a definição de gémeo em diferentes contextos frásicos, por exemplo: “A Dulce tem uma dor no gémeo”; “O Francisco é gémeo do Bernardo.”; e “O meu signo é gémeo.”.

Inferência e Fundamentação Teórica

É fundamental que os alunos consultem o dicionário, visto que existem palavras que se escrevem da mesma maneira, mas têm diferente significado em diferentes contextos frásicos.

Sexta-feira, 31 de maio de 2013

Os alunos iniciaram a manhã realizando um ditado e exercícios gramaticais.

A segunda parte da manhã destinou-se ao Clube de Ciências, em que um grupo de alunos ficou encarregue de apresentar ao resto da turma uma experiência intitulada “Bolas de naftalina saltitonas”.

Ainda antes do almoço, o professor titular escreveu no quadro algumas situações problemáticas para os alunos realizarem.

Inferência e Fundamentação Teórica

Desta manhã, destaco a apresentação dos trabalhos de Ciências, trabalho preparado pelos alunos ao longo do 3.º período letivo.

É fundamental que os alunos desenvolvam a noção de cooperação e respeito pelos pares, pois só assim poderão estar inseridos numa sociedade, tornando-se cidadãos capazes de respeitar o próximo e de viver em comum com os outros. Os trabalhos que envolvam grupos mostram-se bastante potenciadores do desenvolvimento desses valores. Para Estanqueiro (2010), “é aconselhável que o professor modere a competição e promova a cooperação, através do trabalho a pares ou em pequenos grupos.” (p.21)

Segunda-feira, 3 de junho de 2013

Como é hábito às segundas-feiras, cada aluno fala do seu fim de semana mencionando aspetos positivos e/ou negativos do mesmo.

Nesta manhã duas professoras da equipa da Prática Pedagógica dirigiu-se ao Jardim-Escola para que alguns de nós realizássemos aulas surpresa.

A professora sugeriu-me que através da utilização do material estruturado V Dom de *Froebel* desse uma aula de aproximadamente 20 minutos, explorando o tema Volume. A minha colega deu continuidade à minha aula, realizando a construção da colmeia e situações problemáticas invocando a mesma.

Depois das aulas seguimos para a sala de informática, onde decorreu uma reunião para a discussão e avaliação da prestação de cada aluno.

Inferência e Fundamentação Teórica

Relativamente às “aulas surpresa”, considero que é nas mesmas que se evidenciam as capacidades que o aluno estagiário tem, não só de improvisação, mas também de estruturação de uma aula não planeada. Marques (1999) esclarece que:

mais importante do que os métodos pedagógicos, é o entusiasmo do professor e a sua alma interior (...) a eficácia do ensino não só para os factores associados aos saberes, mas também para a vocação. Só um professor com vocação para ensinar, com entusiasmo intelectual, que saiba servir de exemplo, que desempenhe o papel de mentor intelectual e que tenha conhecimentos profundos sobre aquilo que ensina pode ser um bom profissional. (p. 12)

Terça-feira, 4 de junho de 2013

Nesta manhã, as duas turmas do 4.º ano foram a uma visita de estudo ao *Lisboa Story Centre*, no Terreiro do Paço.

Inferência e Fundamentação Teórica

Os dias de visitas de estudo são sempre muito divertidos e estimulantes para as crianças. De acordo com Trindade (2002, p.30) “as visitas de estudo constituem um dos meios mais conhecidos que se utilizam para estimular a aprendizagem dos alunos”. A importância das visitas de estudo “diz respeito quer ao modo como fazem, ou não, sentido para os alunos que as realizam e os professores que as organizam quer ao modo como são preparadas, concretizadas e avaliadas”.

Sexta-feira, 7 de junho de 2013

A primeira parte da manhã de aulas foi dedicada à área curricular de Matemática, onde os alunos resolveram individualmente diversas situações

problemáticas, que envolviam o cálculo de áreas e operações com números complexos.

A segunda parte da manhã foi dividida em dois momentos: primeiro os alunos realizaram um exercício de pontuação e um exercício ortográfico. No segundo momento, um grupo de alunos apresentou ao resto da turma uma experiência sobre a dissolução de líquidos no Clube de Ciências.

Inferência e Fundamentação Teórica

Neste dia considerei muito benéfico para mim, enquanto estagiária e futura professora, corrigir e explicar os exercícios feitos pelas crianças, sendo uma experiência de preparação para o futuro profissional.

Terça-feira, 11 de junho de 2013

Os alunos fizeram, autonomamente, a correção dos erros do exercício ortográfico realizado na sexta-feira, com o apoio do texto original.

Seguidamente, o professor fez a correção no quadro do exercício de pontuação, também realizado na sexta-feira.

O professor fez a leitura modelo do texto “O caçador de palavras”, de José Jorge Letria e, em seguida, todos os alunos leram em voz alta, posteriormente o docente fez perguntas de interpretação.

Ainda na primeira parte da manhã, os alunos realizaram o exercício caligráfico do texto anteriormente referido.

Inferência e Fundamentação Teórica

Tal como consideram Barbeiro e Pereira (2007), a aprendizagem da escrita fica enriquecida pelo confronto entre o texto inicialmente produzido e o mesmo corrigido, uma vez que esse confronto facilita a decisão acerca de modos de resolução dos problemas detetados. (p. 10)

O exercício ortográfico devidamente corrigido e analisado posteriormente pelo aluno pode constituir uma prática valiosa no ensino da escrita.

Sexta-feira, 14 de junho de 2013

Neste dia houve *roulement*: as duas turmas do 4.º ano, na primeira parte da manhã, ficaram na sala de aula, realizando jogos e fazendo desenhos.

Na segunda parte da manhã, as turmas dos 3.º e 4.º anos juntaram-se no recreio e elaboraram desenhos em papel de cenário sobre as férias de verão. Os alunos estavam divididos em 4 grupos.

Inferência e Fundamentação Teórica

Os alunos realizaram alguns jogos. Uns eletrônicos, que as crianças trouxeram de casa, outros tradicionais, utilizando apenas papel e caneta (jogo do galo, forca, *stop*). Jesus (2002) descreve a importância destas atividades, referindo que:

é através do Jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas experiências. A criança aprende jogando e dessa forma o Jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade. (p. 61)

Segunda-feira, 17 de junho de 2013

Neste dia realizei a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). O tema que escolhi para apresentar à turma do 4.º ano foi a Hibernação dos animais.

Na área curricular de Português fiz a leitura modelo e interpretação de um texto narrativo, e os alunos analisaram as funções sintáticas de uma frase.

Segui com a área de Estudo do Meio, em que apresentei um *powerpoint* com o intuito de responder a várias questões sobre o referido tema.

Em Matemática, através da observação e análise de uma tabela de frequências absolutas, pedi aos alunos para construírem um pictograma com um material não estruturado realizado por mim.

Por fim, antes de nos dirigirmos ao recreio, expliquei as regras e o objetivo do jogo – Barra dos alimentos.

Inferência e Fundamentação Teórica

Para mim hoje foi um dia importante, pois conclui mais uma etapa do estágio profissional.

No final da aula tive uma reunião com duas professoras supervisoras e com o professor titular de turma, que me ajudaram a refletir e apontaram os aspetos negativos e positivos da minha prestação. Alarcão e Roldão (2008) afirmam que:

o supervisor é alguém que se preocupa em ajudar a crescer como professora, alguém que proporciona aos seus alunos ambientes formativos estimuladores de um saber didático, alguém que sabe abanar quando é preciso, alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão de ensino, estimulando o autoconhecimento e a reflexão sobre as práticas, transmitindo conhecimentos úteis para a prática profissional. (p. 54)

Terça-feira, 18 de junho de 2013

Como está a chegar o fim do ano letivo, já se sente a ausência de muitos alunos. O professor começou por colocar uma música para os alunos treinarem para a festa final do ano.

Seguidamente, realizaram uma proposta de trabalho da área curricular de Português.

No final da manhã, o professor voltou a falar sobre os números incomplexos e os alunos realizaram uma ficha com situações problemáticas.

Sexta-feira, 21 de junho de 2013

Esta manhã assisti às aulas da turma do 1.º ano B, visto que as turmas do 4.º ano foram para a viagem de finalistas.

Durante a primeira parte da manhã, os alunos realizaram um acróstico com as letras do seu nome, e depois do intervalo a professora esteve a preparar um vídeo, com a nossa ajuda, para mostrar aos pais na festa de final do ano.

Inferência e Fundamentação Teórica

Considerando que realizei o meu Estágio Profissional I e II no 1.º Ciclo, pude observar diferentes realidades. Em cada uma delas encontrei aspetos positivos e negativos. No entanto, conhecer o desenvolvimento das crianças, dos 6 aos 12 anos, permite-me entender melhor o que as crianças são capazes de fazer.

A relação pedagógica que se estabelece entre professores e alunos é, sem dúvida, uma mais-valia para todo o processo ensino-aprendizagem. Um professor organizado e com bons níveis de conhecimento, influenciará, certamente, o grau de aproveitamento.

Capítulo 2 - Planificações

Descrição do capítulo

Neste capítulo abordarei a temática da *planificação*, começando por sistematizar um enquadramento teórico em relação ao tema, nomeadamente: o que é planificar, e para que serve a planificação, com a devida fundamentação segundo vários autores.

Numa segunda parte, serão apresentadas as planificações relativas a algumas das aulas que dinamizei ao longo da prática pedagógica. No total serão apresentadas 3 planificações relativas às 3 áreas curriculares disciplinares do 1.º ciclo (Português, Matemática e Estudo do Meio).

Na terceira parte, termino com as inferências, acompanhadas pela respetiva fundamentação teórica. É de referir que todos os planos de aula foram elaborados de acordo com o Modelo T de Aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez (s.d.).

2.1.Fundamentação teórica

Planificar é fundamental para um professor porque assim terá bem enquadrado aquilo que pretende atingir através de linhas orientadoras.

O professor tem o dever de planear e estruturar as atividades atempadamente, pois a planificação constitui uma preparação prévia de uma dada atividade para atingir um objetivo.

De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1990), após a definição dos conteúdos a lecionar, é necessário planificar situações e meios propícios à ocorrência da aprendizagem por parte dos alunos, pressupondo tal planificação o conhecimento e as características dos alunos a quem se vai aplicar a planificação (p.433).

Alves (2004) refere que planificar não é uma tarefa fácil e que por vezes é os professores deverão refletir sobre “as razões pelas quais propõem uma actividade em vez de outra, a competência sobre a qual eles poderão intervir, as provas que recolherão, assim como os critérios que utilizaram para formular um juízo” (p.77).

A partir do Decreto-lei n.º240/2001 de 30 de Agosto, planificar é o “desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem” tendo por base os conhecimentos e as competências que as crianças já possuem.

A base da planificação é o currículo, Zabalza (2000) define como um:

conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que são para as alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhadas na escola, ano após ano. (p.12)

Pérez (s.d., p.48-49) refere que há três razões/finalidades em vista das quais o professor deve planificar. Inicialmente, considera que o professor planifica não só “para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais; reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava” mas também para “definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc”.

Em segundo lugar, o autor acrescenta que o docente encara a planificação como “determinação dos objetos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc”. Finalmente, defende que há profissionais de educação que designam planificação “às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, e marcas de referência para avaliação, etc”.

O modelo de planificação adotado tem sido o Modelo T de Aprendizagem, proposto pelo Dr. Martiniano Román Pérez. Esse modelo tem a designação de T porque tem a forma de um T duplo: o primeiro dos Conteúdos Conceptuais e Procedimentos/Métodos, e o outro dos Objetivos (de Capacidades/Destrezas e Valores/Atitudes), tal como é demonstrado no quadro 6.

Quadro 6 – Adaptação do Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Escola		
Plano de aula		
Ano:		
Professora:		Estagiária:
Tempo/Duração:		
Data:		
Área Curricular Disciplinar		
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/ Atitudes
Material:		
Adaptação do Modelo T de Unidade de Aprendizagem. Esta planificação está sujeita a alterações.		

É importante definir as denominações anteriormente facultadas. Segundo Pérez (s.d.) os conteúdos:

são formas de saber e reduzem-se fundamentalmente a duas: saber sobre feitos (saberes factuais) e saber sobre conceitos (saberes conceptuais). (...) os saberes conceptuais podem multiplicar-se em: princípios, sistemas conceptuais, teorias, leis, hipóteses, ... e os saberes factuais em feitos, exemplos ou experiências. (p. 9)

Quanto aos procedimentos e métodos: o mesmo autor refere que “Na Escola Clássica, o método costuma orientar-se para a aprendizagem de conteúdos e na Escola Activa, o método concretiza-se nas formas de fazer. Por isso, o método é também uma forma de fazer”, enquanto “procedimento significa o mesmo que método ou forma de fazer, ou uma estratégia de aprendizagem ou forma de desenvolver capacidades e valores”. (p.9)

Também fazem parte do modelo T os conteúdos a abordar; desta forma, Pérez (s.d.) regista que “os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar.” (p. 40)

As capacidades e destrezas mencionadas pelo mesmo autor: “Indicam os objetivos fundamentais cognitivos e complementares que queremos desenvolver;” (p.40).

Para completar o segundo T, falta mencionar os valores-actitudes defendidos por Pérez: “os valores-actitudes: mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver.” (p.40)

2.2. Planificações – Inferências e Fundamentações

2.2.1. Planificação da área curricular disciplinar de Português

Quadro 7 – Planificação da área curricular disciplinar de Português

Faixa etária: 3.º Ano

Estagiária: M^a do Rosário de Castro

Duração: 60 minutos

ME1.ºC, n.º 4

Data: Lisboa, 15 de abril de 2013

Português

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos / Métodos	
<ul style="list-style-type: none">• Frases Simples e Frases Complexas		<ul style="list-style-type: none">• Distribuir pelos alunos o texto “As estrelas” de Miguel Sousa Tavares;• Fazer a leitura modelo;• Solicitar aos alunos que façam a leitura fluente, em voz alta, respeitando a pontuação;• Fazer a interpretação do texto lido através de perguntas diretas e inferenciais;• Apresentar duas frases retiradas do texto e explicar as suas diferenças: uma frase simples e outra complexa;• Apresentar o tema da aula com a ajuda de um <i>powerpoint</i>.• Realizar exercícios sobre o tema em estudo.	
Capacidades / Destrezas	Objetivos	Valores / Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral e Escrita• Compreensão• Interpretação• Socialização• Dialogar		<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade• Empenho• Interesse• Respeito• Escutar• Compreender	
Material Utilizado – Quadro Interativo; <i>Powerpoint</i>			

(Baseado no modelo T de Aprendizagem /

Plano de aula sujeito a alterações)

Inferências e fundamentação teórica

Iniciei a manhã fazendo a leitura modelo de um texto, referido na planificação. Cadório (2001) evidencia:

Normalmente a leitura é silenciosa, porém na escola, pode haver benefícios de ela não se fazer exclusivamente por essa via. A leitura em voz alta, pelos alunos e sobretudo pelo professor, é um meio de os alunos captarem o ritmo, entoação e emoção de quem lê. É também uma forma de o professor mostrar fruição e intimidade com os livros e de, conseqüentemente, contagiar os auditores. (p.51)

Assim, a leitura modelo feita pelo professor, na maioria das vezes serve de apoio na ultrapassagem dos obstáculos. Foi com esse objetivo que apresentei o texto a trabalhar, lendo-o, para seguidamente os alunos o lerem em voz alta.

Em seguida, fiz a interpretação do texto através de perguntas diretas e inferenciais, com o intuito de permitir aos alunos que se expressem oralmente. Curto, Morilho e Teixidó (2000) referem que o ato de ler é uma atividade que auxilia as crianças a comunicar, “expressar ideias, experiências, opiniões, sentimentos, fantasias, realidades” (p.69).

Através da apresentação de um *powerpoint*, introduzi o tema da aula – noção de frases simples e complexas. Em primeiro lugar pedi aos alunos para observarem duas frases e para detetarem as diferenças. Ou seja, a primeira frase continha só um verbo e a segunda continha dois verbos. A partir da observação das crianças expliquei as regras para se construir cada uma das frases.

Como consolidação, apresentei um desafio às crianças que consistia em: identificar frases simples e complexas; transformar frases simples em complexas e vice versa. Este “jogo” tinha por objetivo abordar os conteúdos referidos acima de uma forma lúdica e comprovar se todos os alunos os tinham assimilado. Borràs (2001b) vem ao encontro desta ideia, afirmando que o jogo “é uma actividade fundamental no processo evolutivo que fomenta o desenvolvimento das estruturas intelectuais e uma forma privilegiada de transmissão social.” (p.207)

Existe uma ampla variedade de jogos que se podem fazer com as crianças. Como referem Spodeck & Saracho (1998), alguns requerem poucos movimentos, mas uma grande atenção para a solução de problemas (p.223). Segundo os mesmos autores, “a motivação pela competência é o desejo de se envolver em uma atividade como resultado do sentido de competência causado pelo sucesso” (p.213).

2.2.2. Planificação da área curricular disciplinar de Matemática

Quadro 8 – Planificação da área curricular disciplinar de Matemática

Faixa etária: 3.º Ano

Estagiária: M.ª do Rosário de Castro

Duração: 60 minutos

ME1.º C

Data: Lisboa, 20 de maio de 2013

Matemática

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Mapas e Plantas 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação de dois mapas: <ul style="list-style-type: none"> - freguesia (identificar ruas paralelas, perpendiculares e oblíquas) - metro de Lisboa (calcular distâncias e percursos) • Análise e interpretação de uma planta de uma casa: <ul style="list-style-type: none"> - Calcular áreas. 	
Capacidades / Destrezas	Objetivos	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Orientação Espaço Temporal <ul style="list-style-type: none"> - saber situar • Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none"> - Observar - Interpretar 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> - Interesse • Respeito <ul style="list-style-type: none"> - Compreender - Escutar 	
<p>Material Utilizado – Quadro Interativo; Proposta de Trabalho</p>		

(Baseado no modelo T de Aprendizagem

Plano de aula sujeito a alterações)

Inferências e fundamentação teórica

Para abordar o tema de interpretação de mapas e plantas, primeiramente optei por projetar no quadro interativo o mapa metropolitano de Lisboa, com o intuito de analisar o mesmo, calculando distâncias e percursos. Em seguida apresentei um mapa da freguesia de Alvalade, a fim de que os alunos identificassem ruas paralelas, oblíquas e perpendiculares e pedi aos alunos para explicar o conceito de retas paralelas, oblíquas e perpendiculares.

Depois de abordar o tema que se relacionava com a leitura e interpretação de mapas e plantas, propus algumas situações problemáticas, que os alunos resolveram por escrito, na proposta de trabalho. Esta foi feita de forma orientada de modo que todos acompanhassem o raciocínio; a respetiva correção foi feita no quadro por alguns alunos.

Fonseca (citada por Marques, 2008) afirma que “toda a ação educativa que se centra no aluno, respeitando os seus interesses, necessidades e ritmos, como pessoas únicas, através da diferenciação pedagógica, promove experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras.” (p. 54).

Quanto à interpretação de plantas, apresentei uma em que os alunos, através da leitura de alguns dados, conseguissem identificar as divisões da casa; ou seja, a minha intenção era que os alunos interpretassem esses dados. Ainda neste exercício os alunos calcularam a área de algumas divisões da casa.

De acordo com as Metas Curriculares da Matemática, os alunos do 3.º ano, no domínio da Geometria e Medida (GM3) devem saber:

1. Situar-se e situar objetos no espaço

1. Identificar dois segmentos de reta numa grelha quadriculada como paralelos se for possível descrever um itinerário que começa por percorrer um dos segmentos, acaba percorrendo o outro e contém um número par de quartos de volta.
2. Identificar duas direções relativamente a um observador como perpendiculares quando puderem ser ligadas por um quarto de volta.
3. Reconhecer e representar segmentos de reta perpendiculares e paralelos em situações variadas. (...)

3. Medir comprimentos e áreas(...) (p.19)

2.2.3. Planificação da área curricular disciplinar de Estudo do Meio

Quadro 9 – Planificação da área curricular disciplinar de Estudo do Meio

Faixa etária: 1.º Ano

Estagiária: M^a do Rosário de Castro

Duração: 60 minutos

ME1.ºC, n.º 4

Data: Lisboa, 23 de outubro de 2012

Estudo do Meio

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Dentição 	<ul style="list-style-type: none"> • Introduzir o tema da aula, a Dentição, com a ajuda de um Power point: <ul style="list-style-type: none"> - Mencionar quantos tipos de dentes existem; - Saber para que serve cada dente; - Saber quantos dentes há na dentição infantil e na adulta; e - Perceber porque é que uma boa alimentação ajuda a ter uma boa dentição. • Realizar uma proposta de trabalho sobre o tema em estudo. 	
Capacidades / Destrezas	Objetivos	Valores / Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Socialização Dialogar 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade Empenho Interesse • Respeito Escutar Compreender 	
<p>Material Utilizado – Data-show; <i>Powerpoint</i>; Proposta de Trabalho; Quadro.</p>		

(Baseado no modelo T de Aprendizagem

Plano de aula sujeito a alterações)

Inferências e fundamentação teórica

Na área curricular disciplinar de Estudo do Meio os alunos participam sempre com grande entusiasmo pois nesta área os temas abordados permitem-lhes partilhar vivências, sentindo-se assim mais motivados.

De acordo com Estanqueiro (2010), o diálogo é a melhor estratégia de comunicação que se pode utilizar na sala de aula (p.33). O mesmo autor afirma que ensinar é comunicar e a linguagem do professor deve ser “rigorosa, tecnicamente adequada à matéria, clara e acessível aos alunos” (p.36).

A denteição foi o tema abordado e o início da aula centrou-se essencialmente no diálogo com as crianças, tendo como suporte um *powerpoint* que expunha alguns aspetos relevantes sobre o tema referido.

Como já referi anteriormente no capítulo dos Relatos diários, o uso de diapositivos nesta área é ideal para conhecer factos a que o aluno não tem acesso fácil. E Bòrras (2001a) refere outra vantagem: “outra das vantagens é que o seu ritmo de utilização se pode adequar às necessidades da aprendizagem e aos condicionamentos que se verificam na aula no momento da sua utilização.” (p. 308). Ainda de acordo com Spodek & Saracho (1998), os filmes, os slides e os audiovisuais ajudam as crianças a compreenderem diversos fenómenos” (p.335).

Para que, numa aula, os alunos se mantenham motivados, é importante que participem e se sintam integrados. Desta forma, Drew, Olds e Olds (1997) afirmam que “é preciso saber escutar as crianças, ouvir o que têm para dizer e não estarmos constantemente a falar.” (p. 29)

Como consolidação, os alunos realizaram uma proposta de trabalho sobre o tema em estudo de forma orientada.

Capítulo 3 - Dispositivos de avaliação

Descrição do Capítulo

O presente capítulo está dividido em vários subcapítulos. O primeiro diz respeito ao enquadramento teórico, isto é, irei realizar uma fundamentação sobre a avaliação, tendo por base diversos autores. Mais especificamente, o que é avaliação, qual a sua finalidade e avaliação no 1.º Ciclo.

O segundo subcapítulo é referente aos dispositivos de avaliação utilizados durante o período de estágio. Portanto, serão apresentados 3 dispositivos de avaliação das 3 áreas curriculares disciplinares: Português, Matemática e Estudo do Meio.

Em cada subcapítulo será feita uma descrição de parâmetros e critérios, posteriormente apresentarei uma grelha de avaliação com a respetiva avaliação dos alunos e, por fim, apresentarei os resultados em gráfico, com uma breve análise do mesmo.

3.1. Fundamentação Teórica

É essencial refletir sobre a avaliação, pois faz parte integrante do sistema educativo. Uma vez que é um processo complexo deve ser sempre praticada de forma justa e correta.

Há que clarificar algumas questões pertinentes nesta área, como por exemplo: O que é avaliar? Para que serve a avaliação? Porque se avalia? Quais os instrumentos de avaliação? Qual a sua finalidade?

Não existe um termo único para definir a avaliação, sendo esta um conjunto de processos, fundamentais na aprendizagem, e é através da avaliação que um professor consegue estabelecer as relações entre o lecionado e os conhecimentos adquiridos por parte dos alunos.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990):

a avaliação do ensino define situações ou comportamentos indicadores da aprendizagem conseguida pelos alunos, resultando daí a evidência ou demonstração do que se aprendeu, verificando se há ou não correspondência entre os resultados esperados (no currículo) e os acontecidos. (p.59)

Tratando-se de um processo regulador, a avaliação não existe apenas para se tirarem conclusões que depois não são consideradas. Assim, o professor, ao avaliar deteta quais as áreas de desenvolvimento da criança em que não houve evolução ou em que não houve a evolução desejada, podendo-se fazer as reformulações necessárias que proporcionem a necessária recuperação. É a partir desta modalidade

de avaliação que o docente vai ajustando a sua ação em conformidade com as necessidades da turma.

Zabalza (1998a, p.196) refere que “o ensino e aprendizagem se encontram estreitamente ligados e fazem parte de uma mesma unidade dentro da sala de aula, podemos distinguir claramente dois processos avaliáveis: como o aluno aprende e como o professor ensina.” Logo, os resultados obtidos através deste processo permitem também ao professor avaliar as suas estratégias e metodologias, adequando-as às necessidades dos seus alunos.

Esta ideia vai ao encontro do que é definido no Despacho Normativo n.º 24 A/2012 de 6 de dezembro, em relação à Avaliação do Ensino Básico, nomeadamente o 1.º ciclo:

a avaliação, constituindo-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. Esta verificação deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, suprir as dificuldades de aprendizagem (p. 4).

E ainda como refere Ribeiro e Ribeiro (1990, p.377), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aquelas onde se levantaram dificuldades.”

A avaliação tem várias modalidades, ou por outras palavras, “três tipos fundamentais de avaliação de que o professor se socorre – diagnóstica, formativa e sumativa”. Estas “não representam estratégias alternativas de avaliação mas sim formas complementares, não dispensando qualquer delas nenhuma das outras”, como foi narrado por Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 342). Estes três tipos de avaliação devem estar interligados e devem ser utilizados com frequência, de modo a aferir os conhecimentos apreendidos, permitindo que o professor prossiga nos conteúdos, tendo conhecimento das dificuldades que para trás ficaram.

No que concerne à avaliação diagnóstica, o professor deve pô-la em prática antes da introdução dos conteúdos planificados, pois pretende confrontar os conhecimentos prévios dos alunos acerca de determinados conteúdos, servindo assim de ponto de partida na introdução de novas matérias.

Ribeiro e Ribeiro (1990) definem a avaliação diagnóstica como:

a última operação a realizar antes da execução das unidades de ensino planificadas, visando verificar o domínio, por parte dos alunos, de aptidões e conhecimentos indispensáveis à unidade de ensino a encetar; pode, ainda,

averiguar se os alunos demonstram ter atingido já os objectivos da unidade de ensino proposta, permitindo ao professor avançar para um ponto mais adiantado do que previra. (p. 68).

Leite e Fernandes (2002) defendem que “é, de certo modo, essa avaliação diagnóstica que permite situar os alunos em relação aos objectivos programados e regular, em função desses pré requisitos, os caminhos para a construção da aprendizagem.” (p.39).

De acordo com Ferreira (2007), a avaliação diagnóstica serve para:

(...) determinar se o aluno possui os pré-requisitos (...) necessários para iniciar uma nova aprendizagem, para verificar o domínio de certos objectivos que possam levá-lo à inserção num programa mais avançado e, ainda, classificar os alunos de acordo com o seu interesse, aptidões, *background*, personalidade e o seu percurso de aprendizagem em relação a uma determinada estratégia de ensino (p.24).

Assim, este tipo de avaliação permite ao professor conhecer melhor os alunos no que respeita às aprendizagens anteriores e colmatar eventuais dificuldades de aprendizagem, proporcionando as condições necessárias aos alunos.

Relativamente à avaliação formativa, esta é feita ao longo do encaminhamento das atividades devendo mostrar o que foi aprendido pelos alunos, verificando o professor se os objetivos que pretende alcançar estão a ser de facto alcançados.

Para Ribeiro e Ribeiro (1990), “a avaliação formativa ocorre durante a condução das actividades de ensino, no sentido de ir verificando o progresso da aprendizagem do aluno e o cumprimento dos objectivos, em segmentos limitados do programa.” (p.68).

Leite e Fernandes (2002) dizem que “para que a avaliação formativa cumpra as intenções que a orientam, é necessário que seja sistemática e contínua, isto é, que acompanhe todo o processo de formação.” (p.42). Logo, este tipo de avaliação deve ser posto em prática de forma a acompanhar todo o percurso formativo dos alunos.

Para tal, o professor, ao por em prática a avaliação formativa, terá em conta que esta deve incidir sobre curtos períodos de aprendizagem, ou seja, deve ser feita ao longo do ano letivo.

Já a avaliação sumativa faz um balanço da aquisição dos conhecimentos e é feita depois de um longo período, seja este no fim de cada período ou de cada ano letivo.

Segundo Pais e Monteiro (1996, pp. 49-50), a avaliação sumativa distingue-se, principalmente da avaliação diagnóstica e da formativa “pela intenção, pelos objectivos” e “constitui sempre um balanço final, um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem”. Com isto, posso dizer que a avaliação

sumativa completa um ciclo de avaliação em que já foram utilizadas as avaliações diagnóstica e formativa.

O Despacho Normativo n.º 24 A/2012 evidencia, no Artigo 10.º, dois aspetos da avaliação sumativa: a avaliação sumativa interna e a avaliação sumativa externa:

1-O processo de avaliação interna é acompanhado de provas nacionais de forma a permitir a obtenção de resultados uniformes e fiáveis sobre a aprendizagem, fornecendo indicadores da consecução das metas curriculares e dos conhecimentos dos conteúdos programáticos definidos para cada disciplina sujeita a prova final de ciclo.

2-A avaliação sumativa externa é da responsabilidade dos serviços do Ministério da Educação e Ciência ou de entidades designadas para o efeito e compreende a realização de provas finais de ciclo nos 4.º, 6.º e 9.º anos de escolaridade (...)

Leite e Fernandes (2002, p. 88) referem que o ensino dos alunos é:

mais coerente no seu desenvolvimento, dado que os objectivos ou resultados que prossegue servem de “ponto de referência” constante, evitando que alunos e professores naveguem, de algum modo, “à deriva” e que haja contradições claras entre o que se ensina e o modo como se ensina, entre o que se pretende aprender e a maneira como se realiza essa aprendizagem.

Assim, o ato de avaliar permite que tanto alunos como professores tenham consciência do que foi adquirido; é uma forma mais organizada de ensino, percebendo assim, o professor, se o conteúdo anterior foi assimilado pelo aluno.

Na avaliação das atividades que se seguem, baseei-me na escala de Likert que se encontra no quadro 9.

Quadro 10 – Escala de *Likert*

Fraco	de 0 a 2,9 valores
Insuficiente	de 3 a 4,9 valores
Suficiente	de 5 a 6,9 valores
Bom	de 7 a 8,9 valores
Muito Bom	de 9 a 10 valores

3.2. Avaliação da atividade de Português

3.2.1. Contextualização

Esta atividade ocorreu no dia 20 de maio de 2013, no âmbito da área curricular de Português; o conteúdo a explorar foi o participio passado.

Antes da aplicação da proposta de trabalho, fizemos a leitura, a interpretação e a análise gramatical de um texto; e depois, apresentei duas frases, através de um *powerpoint*. Em seguida, para que os alunos identificassem as diferenças, e partisse dessa observação para lecionar o conteúdo já mencionado anteriormente.

Expliquei que, para utilizar esta forma verbal não finita, geralmente, utiliza-se um verbo auxiliar e referi as terminações das 3 conjugações relativas aos verbos regulares.

Para a consolidação destes conteúdos, preparei uma proposta de trabalho.

A proposta de trabalho aplicada encontra-se no anexo 1.

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação de verbos: neste parâmetro pretendia que as crianças conseguissem identificar todos os verbos existentes nas frases.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Sublinhou 2 a 3 verbos;
- Sublinhou 1 a 2 verbos;
- Não sublinhou nenhum verbo.

Aplicar o particípio passado: neste parâmetro pretendia que as crianças conseguissem aplicar o particípio passado.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Completou corretamente as 5 frases;
- Completou corretamente 4 frases;
- Completou corretamente 3 frases;
- Completou corretamente 2 frases;
- Completou corretamente 1 frase;
- Não completou nenhuma frase.

Apresentação do trabalho: neste parâmetro pretendia que as crianças tivessem cuidado com a apresentação do trabalho.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Muito cuidada e adequada;
- Cuidada e adequada;
- Pouco cuidada e adequada.

Caligrafia: neste parâmetro pretendia que os alunos escrevessem todas as palavras com letra legível.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Legível;
- Não legível.

3.2.3. Grelha de critérios e cotações

Quadro 11 – Cotações atribuídas ao dispositivo de avaliação 1

N.º	Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1	Identificação de verbos	Sublinhou 2 a 3 verbos	2	2
		Sublinhou 1 a 2 verbos	1	
		Resposta incorreta	0	
2	Aplicação do particípio passado	Completo corretamente as 5 frases	6	6
		Completo corretamente 4 frases	4	
		Completo corretamente 3 frases	3	
		Completo corretamente 2 frases	2	
		Completo corretamente 1 frase	1	
		Resposta incorreta	0	
	Apresentação do trabalho	Muito cuidada e adequada	1	1
		Cuidada e adequada	0,5	
		Pouco cuidada e adequada	0	
	Caligrafia	Legível	1	1
		Não legível	0	
Total:				10

3.2.3. Descrição da grelha de avaliação

Escala utilizada:

0 – 2,9 **Fracó** 3 – 4,9 **Insuficiente** 5 – 6,9 **Suficiente** 7 – 8,9 **Bom** 9 – 10 **Muito Bom**

Quadro 12 – Grelha de avaliação de Português

Grelha de avaliação de Português					
Questões	1	2	Apresentação	Caligrafia	Total
Cotações	2	6	1	1	10
1	2	3	0,5	1	6,5
2	2	4	1	1	8
3	2	4	0,5	1	7,5
4	2	4	0,5	1	7,5
5	2	4	0,5	1	7,5
6	2	6	0,5	1	9,5
7	2	6	1	1	10
8	2	4	0,5	1	7,5
9	2	4	0,5	1	7,5
10	2	3	0,5	1	6,5
11	1	6	0,5	1	8,5
12	2	4	0	1	7
13	2	4	1	1	8
14	2	4	0,5	1	7,5
15	2	6	1	1	10
16	2	4	0,5	1	7,5
17	2	2	0	1	5
18	2	4	1	1	8
19	2	4	0,5	1	7,5
20	2	4	0,5	1	7,5
21	2	6	1	1	10
Média					7,8

A atividade do dispositivo de avaliação de Português foi realizada com 21 alunos. No que concerne ao primeiro parâmetro – Identificação de verbos – observei que todos os alunos sublinharam os verbos, obtendo a cotação máxima, com exceção de 1 aluno, que não identificou todos os verbos.

Em relação ao segundo parâmetro – Aplicação do participio passado – constatei que 5 alunos atingiram a cotação máxima; 12 alunos completaram corretamente 4 frases, 2 alunos completaram 3 frases corretamente e apenas 1 aluno

respondeu corretamente a 2 questões, ou seja, 17 alunos não atingiram a cotação máxima.

Relativamente, ao terceiro parâmetro – Apresentação do trabalho – apenas 6 alunos obtiveram a cotação máxima.

Por último, no quarto parâmetro – Caligrafia – todos os alunos atingiram a cotação máxima, obtendo a caligrafia legível.

A cotação máxima atribuída foi de 10 valores, a cotação mínima de 5 valores e a média aritmética de 7,8 valores, o que corresponde a uma classificação de Bom.

3.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular

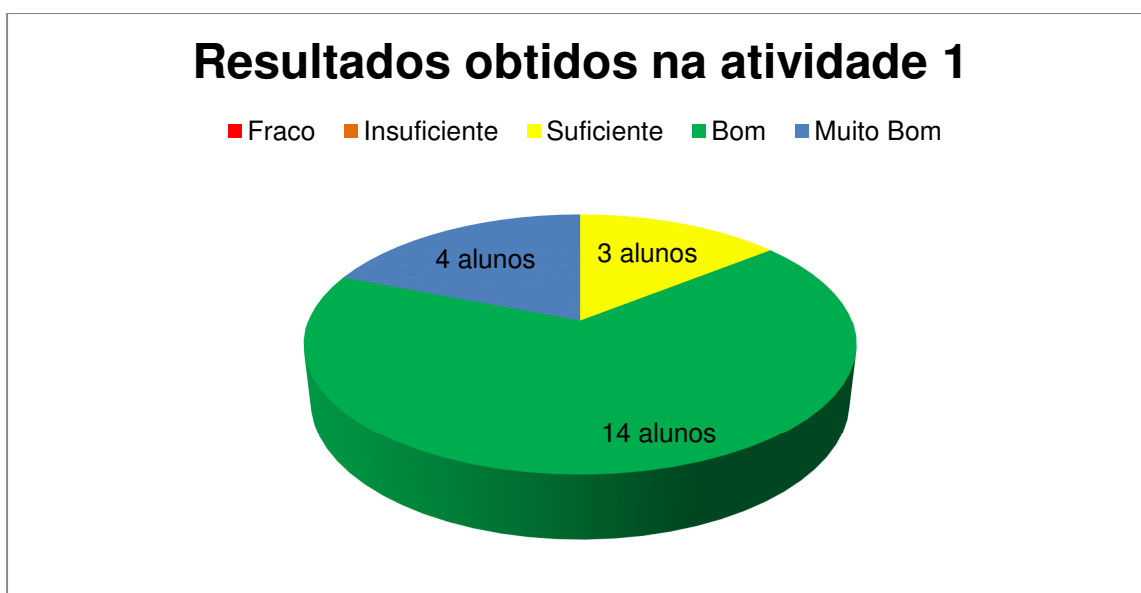


Figura 14 – Gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 1

3.2.5. Análise do gráfico

A figura 14, gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 1, comprova os resultados obtidos na proposta de trabalho, aplicada à turma B do 4.º ano, na área curricular disciplinar de Português.

A legenda apresentada refere-se à cor a que corresponde cada nível de classificação.

O gráfico demonstra que numa turma de 21 alunos, que fizeram o trabalho, 3 alunos obtiveram a classificação de Suficiente, 14 alunos obtiveram a classificação de Bom e os restantes 4 alunos tiveram a classificação de Muito Bom.

Não apresentaram classificações abaixo de 5 valores, portanto todos os alunos obtiveram resultados positivos.

A média de classificações é de 7,8 valores, o que corresponde a uma classificação de Bom na escala de *Likert*.

3.3. Avaliação da atividade de Matemática

3.3.1. Contextualização

Esta atividade ocorreu no dia 23 de outubro de 2012, no âmbito curricular de Matemática.

Antes da aplicação da proposta de trabalho lembrei com os alunos o que era um pictograma e construí com a ajuda das crianças o gráfico no quadro.

Para consolidação apliquei a proposta de trabalho (anexo 2)

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação das imagens a utilizar: neste parâmetro pretendia que as crianças conseguissem identificar e pintar as imagens correspondentes aos dentes que caíram no primeiro semestre de 2012.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 6 meses;
- Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 5 meses;
- Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 4 meses;
- Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 3 meses;
- Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 2 meses;
- Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram num mês;
- Não pintou nenhuma imagem.

Análise do pictograma: neste parâmetro pretendia que as crianças conseguissem analisar o pictograma de forma correta .

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Responde acertadamente a 5 questões;
- Responde acertadamente a 4 questões;
- Responde acertadamente a 3 questões;
- Responde acertadamente a 2 questões;
- Responde acertadamente a 1 questão;
- Nenhuma resposta correta.

Apresentação do trabalho: neste parâmetro pretendia que as crianças tivessem atenção com a apresentação do trabalho e com a pintura das imagens.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Muito cuidada e adequada;
- Cuidada e adequada;
- Pouco cuidada e adequada.

Correção Ortográfica: neste parâmetro pretendia que as crianças não apresentassem erros ortográficos.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Não deu erros ortográficos;
- Deu erros ortográficos.

3.3.3. Grelha de critérios e cotações

Quadro 13 – Cotações atribuídas ao dispositivo de avaliação 2

N.º	Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1	Identificação das imagens a utilizar	Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 6 meses	3	3
		Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 5 meses	2,5	
		Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 4 meses	2	
		Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 3 meses	1,5	
		Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram em 2 meses	1	
		Pintou as imagens correspondentes aos dentes que caíram num mês	0,5	
		Resposta incorreta	0	
2	Análise do pictograma	Responde acertadamente a 5 questões	5	5
		Responde acertadamente a 4 questões	4	
		Responde acertadamente a 3 questões	3	
		Responde acertadamente a 2 questões	2	
		Responde acertadamente a 1 questão	1	
		Resposta incorreta	0	
	Apresentação do trabalho	Muito cuidada e adequada	1	1
		Cuidada e adequada	0,5	
		Pouco cuidada e adequada	0	
	Correção ortográfica	Não deu erros ortográficos	1	1
		Deu erros ortográficos	0	
Total:				10

3.3.4. Descrição da grelha de avaliação

Escala utilizada:

0 – 2,9 **Fracó** 3 – 4,9 **Insuficiente** 5 – 6,9 **Suficiente** 7 – 8,9 **Bom** 9 – 10 **Muito Bom**

Quadro 14 – Grelha de avaliação de Matemática

Grelha de avaliação de Matemática					
Questões	1	2	Apresentação	C. O.	Total
Cotações	3	5	1	1	10
1	3	5	0,5	0	8,5
2	3	5	0,5	0	8,5
3	3	5	1	0	9
4	3	5	0,5	1	9,5
5	3	5	1	0	9
6	3	5	0,5	1	9,5
7	3	5	1	0	9
8	3	5	0,5	0	8,5
9	3	5	0,5	0	8,5
10	3	5	1	1	10
11	3	5	0,5	0	8,5
12	3	0	0,5	0	3,5
13	3	5	1	1	10
14	3	5	0,5	0	8,5
15	3	5	0,5	0	8,5
16	3	5	0,5	0	8,5
17	3	5	0,5	1	9,5
18	3	5	1	0	9
19	3	4	0,5	0	7,5
20	3	5	0,5	0	8,5
21	3	5	1	1	10
22	3	5	1	1	10
23	3	3	0,5	0	6,5
Média					8,6

A presente grelha de avaliação foi realizada por 23 alunos. No que concerne ao primeiro parâmetro – Identificação das imagens a utilizar – observei que todos os alunos obtiveram a cotação máxima.

No segundo parâmetro – Análise do pictograma – conferi que 20 alunos atingiram a cotação máxima, respondendo acertadamente a 5 questões. Os restantes 3 alunos não responderam corretamente a todas as questões.

No terceiro parâmetro – Apresentação do trabalho – 15 alunos apresentaram o trabalho de forma adequada e cuidada, e os restantes 8 alunos atingiram a cotação máxima.

Finalmente, em relação ao último parâmetro – Correção ortográfica – apenas 7 alunos obtiveram a cotação máxima; os restantes 17 deram erros ortográficos.

A cotação mais baixa atribuída foi de 3,5 valores, e a média aritmética observada foi de 8,6 valores, ou seja, Bom.

3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

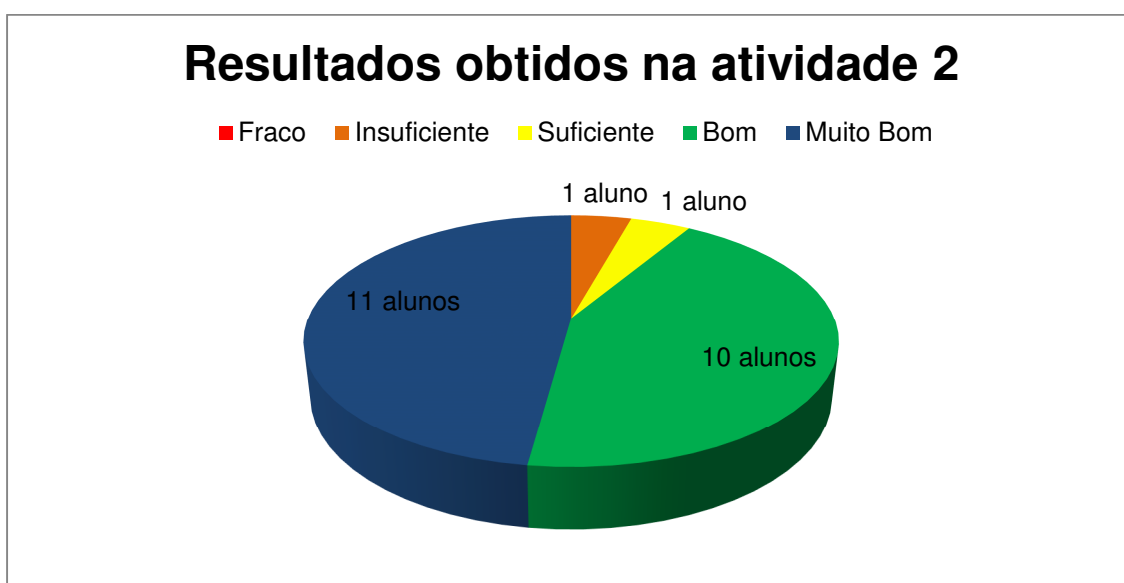


Figura 15 – Gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 2

3.3.6. Análise do gráfico

A figura 15, gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 12, comprova os resultados obtidos na proposta de trabalho, aplicada à turma B do 1.º ano, na área curricular disciplinar de Matemática.

A legenda apresentada refere-se à cor a que corresponde cada nível de classificação (Fraco, Insuficiente, Suficiente, Bom e Muito Bom)

O gráfico demonstra que numa turma de 23 alunos, que fizeram o trabalho, 1 aluno obteve a classificação de Insuficiente, 1 aluno obteve a classificação de Suficiente, 10 alunos obtiveram a classificação de Bom e os restantes 11 alunos tiveram a classificação de Muito Bom.

A média de classificações é de 8,6 valores, o que corresponde a uma classificação de Bom na escala de *Likert*.

3.4. Avaliação da atividade de Estudo do Meio

3.4.1. Contextualização

Esta atividade ocorreu no dia 20 de maio de 2013, no âmbito da unidade curricular de Estudo do Meio – História de Portugal.

Antes de aplicar a proposta de trabalho, introduzi o tema – D. Pedro IV – através da apresentação de um *powerpoint*. Entreguei aos alunos uma ficha informativa que foi lida em voz alta por alguns.

Para consolidação destes conteúdos, preparei uma proposta de trabalho crucigrama.

A proposta de trabalho está presente no anexo 3.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios

Interpretação: neste parâmetro pretendia que as crianças conseguissem interpretar as questões de forma correta, de modo a comprovar o que foi aprendido pelas mesmas.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Respondeu corretamente a 9 perguntas;
- Respondeu corretamente a 8 perguntas;
- Respondeu corretamente a 7 perguntas;
- Respondeu corretamente a 6 perguntas;
- Respondeu corretamente a 5 perguntas;
- Respondeu corretamente a 4 perguntas;
- Respondeu corretamente a 3 perguntas;
- Respondeu corretamente a 2 perguntas;
- Respondeu corretamente a 1 pergunta;
- Não respondeu corretamente a nenhuma pergunta

Apresentação do trabalho: neste parâmetro pretendia que as crianças tivessem atenção com a apresentação do trabalho.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Muito cuidada e adequada;
- Cuidada e adequada;
- Pouco cuidada e adequada.

Caligrafia: neste parâmetro pretendia que os alunos escrevessem todas as palavras com letra legível.

Os critérios que estabeleci foram os seguintes:

- Legível;
- Não legível.

3.4.3. Grelha de critérios e cotações

Quadro 15 – Cotações atribuídas ao dispositivo de avaliação 3

N.º	Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1	Assimilação dos conteúdos	Respondeu corretamente a 9 perguntas	8	8
		Respondeu corretamente a 8 perguntas	7	
		Respondeu corretamente a 7 perguntas	6	
		Respondeu corretamente a 6 perguntas	5	
		Respondeu corretamente a 5 perguntas	4	
		Respondeu corretamente a 4 perguntas	3	
		Respondeu corretamente a 3 perguntas	2	
		Respondeu corretamente a 2 perguntas	1	
		Respondeu corretamente a 1 pergunta	0,5	
		Não respondeu corretamente a nenhuma pergunta	0	
	Apresentação do trabalho	Muito cuidada e adequada	1	1
		Cuidada e adequada	0,5	
		Pouco cuidada e adequada	0	
	Caligrafia	Legível	1	1
		Não legível	0	
Total:				10

3.4.4. Descrição da grelha de avaliação

Escala utilizada:

0 – 2,9 **Fraco** 3 – 4,9 **Insuficiente** 5 – 6,9 **Suficiente** 7 – 8,9 **Bom** 9 – 10 **Muito Bom**

Quadro 16 – Grelha de avaliação de Estudo do Meio

Grelha de avaliação de Estudo do Meio				
Questões	1	Apresentação	Caligrafia	Total
Cotações	8	1	1	10
1	8	1	1	10
2	8	0,5	1	9,5
3	8	1	1	10
4	8	1	1	10
5	8	0,5	1	9,5
6	8	0,5	1	9,5
7	8	1	1	10
8	8	0,5	1	9,5
9	8	0,5	1	9,5
10	8	0,5	1	9,5
11	8	0,5	0	8,5
12	8	1	1	10
13	8	1	0	9
14	8	0	0	8
15	8	1	1	10
16	8	1	1	10
17	8	1	1	10
18	8	0,5	1	9,5
19	8	0	0	8
20	8	1	1	10
21	7	0,5	0	7,5
Média				9,4

A presente grelha foi realizada por 21 alunos.

De acordo com os dados observados, no que concerne ao primeiro parâmetro – Assimilação dos conteúdos – verifico que 20 alunos responderam corretamente ao que era pedido, obtendo a cotação máxima neste parâmetro. Apenas um aluno não obteve os 8 valores, visto não ter respondido corretamente às 9 perguntas.

Relativamente ao segundo parâmetro – Apresentação do trabalho – observo que 10 alunos obtiveram a cotação máxima, visto terem apresentado um trabalho

muito cuidado e adequado; 9 alunos tiveram uma apresentação cuidada e adequada e obtiveram 0,5 valores; apenas um aluno não obteve os valores previstos.

No que concerne ao terceiro parâmetro – Caligrafia – apurei que dos 21 alunos apenas 6 não reuniram a pontuação máxima.

Desta forma, a cotação mais baixa atribuída foi de 7,5 valores, e a média aritmética observada foi de 9,4 valores, ou seja, Muito Bom.

3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

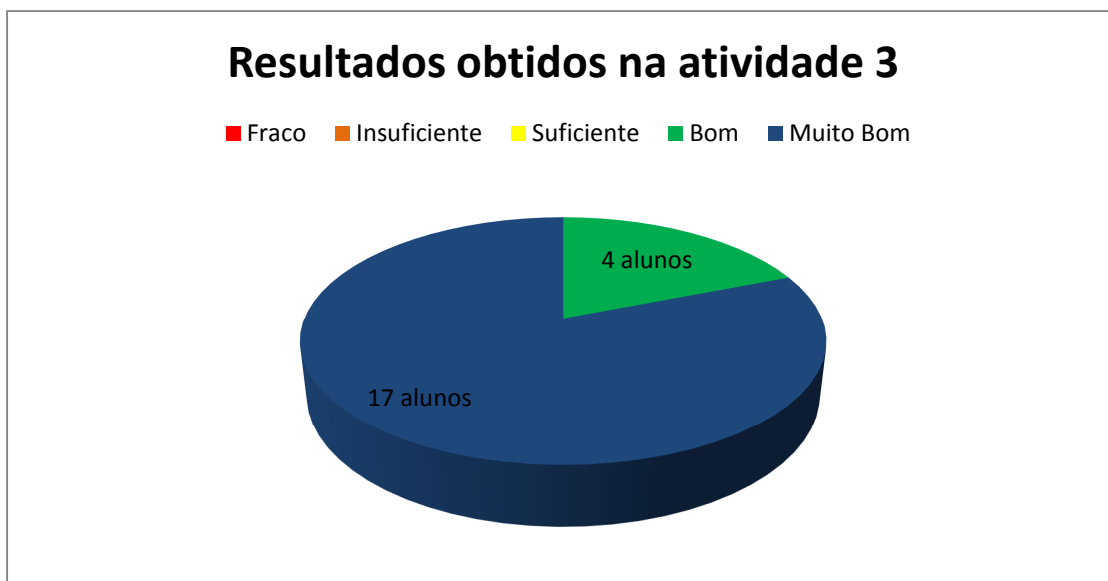


Figura 16 – Gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 3

3.4.6. Análise do gráfico

A figura 16, gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade 3, comprova os resultados obtidos na proposta de trabalho, aplicada ao 4.º ano, turma B, na área curricular disciplinar de Estudo do Meio.

A legenda apresentada refere-se à cor a que corresponde cada nível de classificação.

O gráfico demonstra que numa turma de 21 alunos, que fizeram o trabalho, 4 alunos obtiveram a classificação de Bom e os restantes 17 alunos tiveram a classificação de Muito Bom.

Não apresentaram classificações abaixo de 5 valores, portanto todos os alunos obtiveram resultados positivos.

A média de classificações é de 9,4 valores, o que corresponde a uma classificação de Muito Bom na escala de *Likert*.

Reflexão final

1.Considerações finais

Durante o período de estágio profissional I e II, tive a oportunidade de conhecer de perto o contexto educativo, de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da Licenciatura e do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de aprender fazendo.

Acompanhei diferentes turmas, de anos escolares distintos, o que me permitiu preparar e lecionar várias matérias dos programas do 1º ciclo, adaptar o meu discurso e o método de ensino aos alunos considerando as suas idades e o contexto de onde provêm.

Uma das principais lições que retirei desta experiência foi de que na profissão docente é fundamental a prática no terreno. É essencial que o professor adequue a sua estratégia diariamente e programe cada dia considerando o anterior. Para tal, é necessário observar e conhecer, com detalhe, o contexto de sala de aula, a reação e evolução dos seus alunos perante os diversos temas e disciplinas, saber apontar as suas capacidades e dificuldades, e trabalhar cada caso com o princípio de singularidade, próprio de cada ser humano, em mente.

Durante esse exercício, a planificação revelou-se uma ferramenta de trabalho fundamental para atingir os melhores resultados na medida em que implica a preparação e adequação das atividades, a desenvolver no dia-a-dia, tendo em conta as características de cada turma e o nível de aprendizagem de cada aluno.

“Adequação” e “adaptação” ao contexto foram duas das competências técnicas e comportamentais que mais desenvolvi durante este período experimental, que o estágio profissional me proporcionou. A experiência real impeliu-me, por tantas vezes, a ir para além dos conhecimentos teóricos que tinha adquirido enquanto aluna. “Ensinar” e “Aprender” não podem viver isolados do ato de “Experimentar”: experimentar com os alunos; experimentar em determinados contextos; experimentar diferentes formas, métodos, atividades...

Ao longo do estágio e da elaboração do relatório comprovei o papel fundamental desempenhado pela avaliação na educação. Permitindo ao educador/professor sopesar a eficácia das estratégias e métodos por ele aplicados, o uso frequente e regular de “práticas de avaliação” promove uma notável melhoria em termos das aprendizagens das crianças. O resultado final verificado é uma melhoria notória da qualidade geral do sistema educativo. (Fernandes, 2005, p.157)

Concluindo, considero fundamental a elaboração do presente relatório, que contem em súmula a grande riqueza adquirida ao longo deste ano de Mestrado, que me servirá de base para toda a minha futura vida de docente.

2. Limitações

A primeira limitação surgiu logo no início da prática pedagógica. Conforme já referi, realizei a minha Licenciatura em Educação Básica noutra escola superior de educação e os estágios que efetuei anteriormente foram pouco interventivos; além disso, nunca tido contacto com a realidade educativa dos Jardins-Escola João de Deus. Assim entrei no estágio com um certo receio pois não conhecia as metodologias praticadas nestes Jardins-Escola, e a minha integração inicial não foi fácil.

A segunda limitação referente à realização deste relatório prendeu-se com a vertente científica. A dificuldade de acesso a bibliografia atualizada constituiu uma restrição à realização deste trabalho.

Por outro lado, nem sempre foi fácil encontrar sustentação teórica para determinadas categorias que era minha intenção desenvolver, pelo que o conteúdo por vezes se tornou repetitivo.

Saliento também o facto de o horário da biblioteca ser um pouco limitativo, o que dificulta o acesso a bibliografia rica e diferenciada.

Por último, senti bastante dificuldade em sustentar o capítulo das Planificações com fundamentação teórica.

3. Novas pesquisas

Um bom professor deve manter-se atualizado e em pesquisa permanente para benefício das crianças e, como tal, tenciono continuar a estudar os mais variados assuntos relacionados com a educação.

Encaro a possibilidade de obter formação no que respeita às Necessidades Educativas Especiais. Considerando que todas as crianças têm o direito à educação, pretendo estar habilitada a ajudar todos os alunos, dando a cada um iguais oportunidades.

Referências Bibliográficas

Abrantes, P., Serrazina, L., & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na educação básica. Reflexão participada sobre currículos do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

Almeida, A. (1997). *Visitas de Estudo – Conceção e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alves, M. P. C. (2004). *Currículo e avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora.

Amado, J. S. e Freire, I. P. (2002). *Indisciplina e violência na escola – compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.

Balancho, M. e Coelho, F. (1996), *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Barbeiro, L., & Pereira, L. (2007). *O ensino da escrita: a dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Borràs, L. (2001a). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal: Marina Editores.

Borràs, L. (2001b). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares II – Educação Visual e Plástica, Educação Musical, Educação Física, Educação Cívica, Eixos Transversais*. Setúbal: Marina Editores.

Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial dos professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação*.

Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

Caldeira, F.C. (2009). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Carita, A. & Fernandes G. (1997). *Indisciplina na sala de aula. Como prevenir? Como remediar?*. Lisboa: Editorial Presença

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Contente, M. (1995). *A leitura e a escrita – estratégias de ensino para todas as disciplinas*. Lisboa: Editorial Presença.

Cordeiro, M. (2009). *O Grande Livro dos Adolescentes*. Lisboa: Esfera dos Livros.

Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança – do 1 aos 5 anos*. (5.^a Ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.

Costa, J.; Cabral, A. C.; Santiago, A. e Viegas, F. (2011). *Guião de implementação do programa de português do ensino básico. Conhecimento explícito da língua*. Lisboa: Ministério da Educação.

Curto, L. M.; Morilho, M. M. & Teixidó, M. M. (2000). *Escrever e ler. Vol. 1. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. Porto Alegre: Artmed.

Deus, M. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Diário da República (2001). Decreto-lei n.º240/2001, de 30 de agosto.

Diário da República (2012). Despacho Normativo n.º 24 A, de 6 de dezembro.

Diez, J. (1994). *Família-escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora.

Diogo, A., Serpa, M., Caldeira, S., Moniz, A., & Lopes, M. (2002). *Escola & pais de mãos dadas: um projecto de intervenção educativa*. In: J. Lima (Org.). Pais e professores: um desafio à cooperação. Porto: ASA Editores II, S.A.

- Drew, W., Olds, A., & Olds, H. (1997). *Como motivar os seus alunos – actividades e métodos para responsabilizar os alunos*. Lisboa: Plátano.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Feldman, R. (1999). *Compreender a psicologia*. Lisboa: Mc Graw Hill.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. (1.ª Ed.). Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferro, A. M. (1994). *Métodos e Técnicas Pedagógicas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Flores, M., & Simão, A. (2009) (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Fourez, G., Maingain, A. & Dufour, B. (2008). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget
- Galvão, C., Reis, P., Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em Ciências. Sugestões para professores dos ensinos Básico e Secundário. Exemplos de intervenção em contextos educativos – visitas de estudo, recolha e classificação de material, realização de projectos e actividades experimentais, discussões-tipo, portefólios*. Porto: Edições ASA.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – Um guia para pais e educadores*. Lisboa: Edições ASA.
- Jesus, S. N. (1996). *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto: Edições Asa.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: ASA Editores, S.A.

Marques, R. (2001a). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença

Marques, R. (2001b). *Saber educar – guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.

Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.

Ministério da Educação (2007). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação – um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Texto Editora.

Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

Pato, M.H. (1997). *Trabalho de grupo no ensino básico. Guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de Aprendizagem na Aula Desenho e Avaliação*. Seminário Internacional II. Madrid: Universidad Complutense.

Perrenoud, P. (2002). *Aprender a negociar a mudança em educação – novas estratégias de inovação*. Porto: Edições Asa, S. A..

Ponte, J.P., & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática no 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editora Gradiva.

Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ruas, M. B. & Grosso, C (2002). *Números e operações aritméticas*. Volume I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Serrazina, L. (Coo) (2008). *Geometria: Texto de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Lisboa: Edições ASA.

Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três e oito anos*. Porto Alegre: Artmed.

Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem. Novas práticas pedagógicas. B. Prática. Guias Práticos*. Porto: ASA edições.

Veiga, L. (2003). *Formar para um conhecimento emancipatório pela via da educação em ciências*. In. L. Veiga (coor). *Formar para a educação em ciências na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.

Vieira, H. (2000). *Comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabala, A. (1998a). *A Prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

Zabalza, M. (1998b). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Zeickner, K. (1993). *A formação reflexiva dos professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Referências eletrônicas

Bivar, A., Grosso, C., Oliveira, F., Timóteo, M.C., (s.d). *Metas Curriculares ensino básico matemática*. Recuperado em 2012, outubro 25, de

<http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=167#i>

Jesus, S. N. (2008). *Estratégias em sala de aula*. Recuperado em 2013, março 3,de

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2753/2101>

Anexos

Anexo 1 – Proposta de trabalho de Português

Jardim-Escola João de Deus

Português

Nome: _____ Data: _____

Verbo auxiliar “ter” (conjugado)

+

particípio passado

1. Sublinha os verbos:

- a. Quando o pai chegou, já tínhamos jantado.
- b. Já tinhas ido ao futebol?
- c. Nunca tinha viajado de avião.
- d. A árvore foi plantada pelo jardineiro.
- e. Aquele menino tem estado doente.
- f. A menina é acompanhada pela avó.

2. Completa as frases com o particípio passado dos verbos dados:

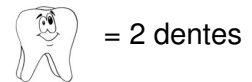
- a. Quando a professora entrou na cantina, os alunos já _____ (almoçar).
- b. Como está frio, as crianças _____ (trazer) para a escola camisolas quentes, todos os dias.
- c. No passeio de ontem, os alunos _____ (acompanhar) pelas suas professoras.
- d. A Rita e o Simão _____ (viajar) muito.
- e. O Pedro _____ (ler) o livro.

Anexo 1 – Proposta de trabalho de Matemática

Nome: _____

Data: _____

1. Pinta o número de dentes que caiu à turma do 1º B durante o primeiro semestre de 2012.



janeiro	
fevereiro	
março	
abril	
maio	
junho	

- a) Quantos dentes caíram no total? _____
- b) Quantos dentes caíram em Janeiro? _____
- c) Quantos dentes caíram em Maio e Junho? _____
- d) Em que mês caíram mais dentes? _____
- e) Em que mês caíram menos dentes? _____

Anexo 1 – Proposta de trabalho de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus

Estudo do Meio – História de Portugal

Nome: _____

Data: _____

129

1

2

3

4

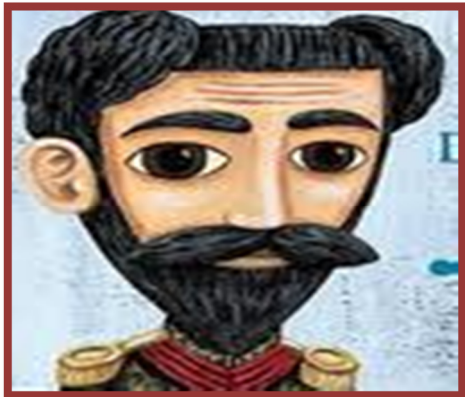
5

6

7

8

9



1- Irmão de D. Pedro IV.

2- Nome do Pai.

3- Em 1817 a família real refugia-se no ...

4 -Em 1822 D. Pedro IV foi coroado _____ do Brasil.

5 -Em 1826, D. João VI morreu e D. Pedro IV foi aclamado rei de...

6 - Cognome de D. Pedro IV.

7 - Em 1832 iniciou-se uma guerra entre liberais e...

8 – Como se chamou a guerra entre liberais e absolutistas?

9 – Em 1834 é assinada a paz pela Convenção de